



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ALTAIR ANTONIO BENKA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA:
ENTRE PRESENCAS E ESQUECIMENTOS NO MUSEU JOÃO MODTKOWSKI –
ÁUREA/RS**

**ERECHIM
2014**

ALTAIR ANTONIO BENKA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA:
ENTRE PRESENCAS E ESQUECIMENTOS NO MUSEU JOÃO MODTKOWSKI –
ÁUREA/RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.^a Doutoranda Débora Clasen de Paula.

**ERECHIM
2014**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Benka, Altair Antonio

A construção da memória: entre presenças e esquecimentos no museu João Modtkowski/ Altair Antonio Benka. -- 2014.
70 f.

Orientador: Débora Clasen de Paula.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Erechim, RS , 2014.

1. Áurea - Cidade. 2. Museu. 3. Indígena. I. Paula, Débora Clasen de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ALTAIR ANTONIO BENKA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA: ENTRE PRESENÇAS E ESQUECIMENTOS NO
MUSEU JOÃO MODTKOWSKI - ÁUREA/RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Débora Clasen de Paula

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 28/11/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Doutoranda Débora Clasen de Paula – UFFS

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS

Prof.^a Me. Geza Lisiane Carús Guedes – CEAD UFpel

AGRADECIMENTOS

Construir um trabalho acadêmico não é tarefa individual, é fruto de uma ação coletiva, compartilhada. A concretização desta monografia foi permeada pela participação de muitas pessoas, em diferentes momentos, pois acredito que o sonho que se sonha junto não é só um sonho, é uma realidade.

Meus agradecimentos:

A meu pai, Estanislau, que me ensinou que devemos persistir na busca e concretização de nossos objetivos, sempre com respeito, simplicidade e dedicação.

A minha esposa, Celene, com quem aprendi pela garra de mulher e esposa, pelo amor de mãe e pelos ensinamentos de educadora a perceber a beleza da vida e a capacidade de sonhar, de sonhar sempre.

As minhas filhas, Keyna, Viviane e a pequena Isadora, pelo apoio, compreensão, entendimento e desta forma, compartilhar dos meus fatos e feitos.

A professora Débora Clasen de Paula, mais que orientadora, a amiga presente, pela competência, seriedade, paciência, compromisso e respeito ao meu ritmo e ao processo de construção deste trabalho.

A todos os professores que fazem parte do corpo docente da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Erechim, especialmente do Curso de Licenciatura em História, pelo exemplo de competência em nos transmitir valiosos ensinamentos e práticas de vida.

A todos que colaboraram para minha formação acadêmica como colegas de turma e amigos, especialmente a Édine pelo incentivo e pelas tão valiosas contribuições.

A todos vocês, por tudo, deixo aqui o meu muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma reflexão acerca do processo de criação do Museu Municipal João Modtkowski no município de Áurea - RS. Pretende-se justificar a realização desta pesquisa em função da ausência de trabalhos que tenham como foco o referido Museu. Partimos da contextualização e da formação deste lugar de memória, colocando em perspectiva as representações criadas pela comunidade em torno de sua identidade, esta vinculada a cultura polonesa. Objetivamos ao longo do trabalho compreender como se constituiu o Museu e os critérios que nortearam a formação de seu acervo. Ao analisar se estão representadas também as demais etnias que compõe a história do município, como a indígena, observamos se houve participação da comunidade neste processo de constituição deste espaço de memória. A pesquisa, construída por meio da análise de documentos oficiais do município de Áurea e jornais de circulação local e regional, também utilizou entrevistas que contribuíram para sanar a carência e as lacunas existentes nas demais fontes, bem como, possibilitou a formulação de reflexões relevantes com relação ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Áurea. Museu. Indígena.

ABSTRACT

This work seeks to reflect about the process of the creation of the João Modtkowski Municipal Museum in Aurea – RS. This research is justified by the lack of work focusing in the present museum. It starts from the context and the formation of this place of memory, putting into perspective the representations created by the community around its own identity, connected to the Polish culture. Along this work, it is intended to comprehend how the Museum was formed and the criteria used to guide the formation of its collection. When analyzed whether it also represents other ethnicities that composed the history of the city, such as indigenous natives, it was observed whether there was community participation in the creation process of this space memory. The research built by the analysis of official documents of the city of Aurea and local and regional newspapers, interviews were also used and they contributed to solve the shortage and gaps in other sources, as well as enabled the formulation of relevant reflections relevant to this matter.

Keywords: Aurea City. Museum. Indigenous Natives.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CAPÍTULO I - ÁUREA: CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE.....	11
3 CAPÍTULO II - O ESPAÇO DE MEMÓRIA.....	23
4 CAPÍTULO III - ÍNDIO: AUSÊNCIA E ESQUECIMENTO.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63
ARQUIVOS PESQUISADOS.....	67
ANEXO A – Fotos do Museu.....	68
ANEXO B – Fotos do Museu.....	70

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa originou-se de reflexões e inquietações enquanto discente do Curso de História, especialmente com temas relacionadas aos povos indígenas e a memória, campo permeado de disputas. Diante disso temos como objetivo principal analisar a criação do Museu Municipal João Modtkowski no município de Áurea - RS, visando compreender os objetivos da sua constituição, bem como, critérios que nortearam a formação de seu acervo.

Para tanto buscamos entender como ocorreu o processo de criação do Museu, se houve a participação e discussão com a comunidade no sentido do que preservar. Averiguar se estão representadas no Museu as diferentes etnias que compõe a sociedade, e que colonizaram a região, descrevendo em linhas gerais o acervo exposto no Museu João Modtkowski; e finalmente, analisar como está representado o índio nesse espaço museológico, tendo em vista que a região estava habitada pelos mesmos, quando da chegada dos primeiros imigrantes.

A pesquisa objetiva colaborar com tal discussão procurando, a partir da reflexão acerca do processo de formação do Museu Municipal João Modtkowski, problematizar junto à população a necessidade de resgatar a diversidade das culturas constituintes do local. Como se sabe, na atualidade a memória está no centro das grandes discussões historiográficas, dentre elas a formação de museus.

Justificamos a relevância acadêmica da problemática a ser analisada visto que, revisando trabalhos sobre o município não encontramos nada que discutisse a constituição deste espaço de memória, sendo o presente trabalho pioneiro na discussão da temática. O intento da pesquisa é justamente analisar a criação do Museu e seu acervo como fonte de problematização e reflexão historiográfica.

Ao longo dessa caminhada de pesquisa constatamos que a memória é uma construção onde há ocultamente, mediações que expressam poder, priorizando e secundarizando interesses. Nesse sentido a memória e conseqüentemente os museus não se constituem como obras do acaso, mas sim como resultado da relação e/ou interferência de diversos atores históricos, presentes em um mesmo ambiente. Para pensar o conceito de memória nos servirá de apoio Jacques Le Goff (2003), que elucida a importância do papel da memória coletiva, a qual segundo o autor faz parte das grandes questões das sociedades contemporâneas, “[...] lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 2003, p. 469), nesse jogo sutil do que é permitido e do que é abolido.

Para discutir e problematizar a constituição deste espaço que deve ser heterogêneo, diversificado e plural, segundo as atuais teorias existentes acerca dos museus, nos apoiaremos inicialmente buscando aprofundar a investigação sobre a definição de museu em Pedro Paulo Funari (2013). Para o autor o museu é por excelência o local onde devem ser expostas “[...] as tensões sociais, a diversidade e a pluralidade de perspectivas e de aspectos da vida social” (FUNARI, 2013, p. 01). O espaço museológico não tem mais o objetivo de contemplação, mas sim, a finalidade “[...] relevante de mudar a percepção social [...]” (FUNARI, 2003, p. 02). Dessa forma, ao apresentar suas contrariedades e rupturas, o espaço museológico é elevado a condição de local de debate, discussão e problematização das relações humanas contribuindo para a emancipação do indivíduo.

Por mais que a nova museologia busque espaços museológicos democráticos e plurais, não podemos pensar os mesmos sem perder de vista que a sua constituição, bem como seu uso, não são acontecimentos neutros e sem disputas. Para melhor evidenciar esta relação entre museu-memória-poder, tríade que apresenta a interferência do poder entre o que manter e o que destruir, utilizaremos Mário Chagas (2005), o qual constata que o processo de preservação não é construído de forma harmônica ou sem conflitos e disputas, mas que se trata de uma construção onde estão expressas relações de poder que priorizam ou secundarizam identidades e memórias.

É importante pensar na constituição destes “espaços de memória” e para isso Jacques Le Goff (2003), contribuirá com tal discussão, pois nos oferece ferramentas para perceber que a própria criação destes “lugares de memória”, está intrinsecamente ligada aos usos da memória ali presente.

Para atingir os objetivos estabelecidos e viabilizando uma alternativa de abordagem do tema proposto, utilizaremos como fontes os documentos oficiais do município de Áurea, ou seja, leis, projetos e atas, especialmente os documentos referentes à criação do Museu; bem como, a coleta de informações nos meios de comunicação impresso, jornais de circulação local e regional. Além disso, entrevistamos o senhor Artemio Adão Modtkowski, funcionário público municipal, concursado como professor de Currículo, também leciona língua polonesa, na Escola Agrícola de 6º ao 9º ano e que atualmente é diretor do Museu Municipal João Modtkowski. Também foi entrevistado o senhor Antonio Jorge Slussarek, funcionário público, concursado como agente administrativo e que atua na Secretaria de Educação do município, trabalhando no Museu Municipal. O entrevistado trabalha na organização e orientação de visitas, catalogação dos objetos, entre outras tantas atividades. Os dois entrevistados estiveram diretamente envolvidos no processo de criação e manutenção do

espaço museológico. O Museu que se localiza na área central da cidade, está sediado no antigo prédio dos Correios e atualmente compreende sete peças com cerca de dois mil objetos expostos.

Para uma melhor discussão do tema proposto foi importante a análise de documentos relativos ao grupo denominado Comunidade Representativa Brasileiro-Polonesa (Braspol), que possibilitou a primeira amostra de objetos antigos do município e que culminou com a implantação do Museu Municipal.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro apresenta considerações acerca da construção de uma representação do município, e também sobre os eventos que contribuem para fortalecer a noção de pertencimento a cultura polonesa. Neste aspecto, trazemos também parte da revisão acerca da produção historiográfica sobre Áurea. No segundo capítulo discutimos o processo de criação do espaço museológico, bem como, procuramos identificar que memórias e identidades estão representadas e de que forma; o processo de formação do acervo e a participação da comunidade também são abordados neste capítulo. Finalmente, no terceiro capítulo, buscamos analisar, a partir da expografia, as presenças e ausências no espaço museal com destaque para a história indígena.

2 CAPÍTULO I - ÁUREA: CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE

O município de Áurea está localizado no norte do Rio Grande do Sul e de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE 2010, tem uma população de mais de 3.665 habitantes sendo que cerca de 58,06%, vive na área rural. A região é conhecida por ter como maioria étnica imigrantes poloneses. No início da colonização oficial em 1911¹ consta que, em Áurea, havia apenas pés de erva mate nativa. Atualmente temos uma economia local baseada na agricultura, principalmente plantio de feijão, milho, soja, trigo e ainda o cultivo e o processamento de erva mate para o chimarrão². A cidade possui um relevo com a predominância de pedras e montanhas, fatores que dificultam o plantio e a colheita dos produtos.

O município está inserido na região denominada de Alto Uruguai, onde existe o rio de mesmo nome que divide os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e limita-se com os municípios de Gaurama, ao norte; Getúlio Vargas e Sananduva, ao sul, Centenário, a leste, e Erechim ao oeste.

Conforme Wenczenovicz, no início da colonização, para chegar até Áurea, nome atual, o então município passou por diversas denominações. No princípio, Áurea

[...] denominou-se de Rio Marcelino. Por volta de 1918, tomou o nome de Treze de Maio, devido ao Decreto Municipal nº 85, de 29 de outubro de 1924, em referência à data abolição da escravatura. Vinte anos mais tarde, em 1938, já estado Novo [1937-45], passou a chamar-se Princesa Isabel, tida pela historiografia oficial como promotora da Abolição, e, finalmente, em 1944, foi denominada de Vila Áurea, sempre em referência à “Lei Áurea”, de 13 de maio de 1888. Em 1988, Áurea, ex-distrito de Gaurama, tornou-se município. (WENCZENOVICZ, 2002, p.59).

Foi para este lugar que os primeiros grupos de imigrantes começaram a chegar ao final de 1911³. Seguindo o pensamento de Wenczenovicz (2002), o município tem a singularidade de possuir entre as etnias que compõe sua sociedade a predominância do polonês, ou seja, “o município possui 90% de poloneses, 5% de italianos, 3% de negros e 2% de alemães” (WENCZENOVICZ, 2002, p.59). Mas é importante observar que os dados mencionados

¹ Outras fontes podem nos dar diferentes datas, como por exemplo, no jornal “A Região” edição número 10, de novembro de 1997, especial para o município de Áurea, editado por ocasião de receber oficialmente o título de Capital Polonesa dos Brasileiros, aparece a data de 1909. O livro “Nos rastros dos Imigrantes Poloneses”, de Pedro Martim Kokuszka, temos como início da colonização o ano de 1906.

² Dados obtidos junto a Secretaria da Agricultura do Município.

³ Não possuímos o número exato da chegada dos primeiros imigrantes, Neusa Cidade Garcez (1997, p.105) em sua obra relata que ao final do ano de 1911, chegaram na região hoje Áurea as primeiras doze famílias. Segundo Gritti (2004) amparada em Edmundo Gardolinski (1976), em 1924, Áurea já possuía uma população de 3.600 habitantes localizados na área urbana e rural do município.

acima dizem respeito aos descendentes das etnias de imigrantes que chegaram a essa região, e que não vislumbramos nada de quantitativo referente aos indígenas nos números apresentados.

No que se refere aos imigrantes poloneses, Wenczenovicz (2002) fala ainda das dificuldades pelas quais passaram como a fome, a falta de abrigo, epidemias que dizimaram grande quantidade da população, também o choque com o país desconhecido e diferente. Conforme Renata Siuda-Ambroziak (2005), a tudo isso devemos acrescentar outros dois elementos significativos. O primeiro é a diferença entre o que havia sido prometido às pessoas ainda na Polônia e o que encontraram na realidade. O segundo diz respeito a esses imigrantes não poder contar com nenhuma ajuda oficial por parte dos representantes do governo polonês. Conforme a autora, “[...] o país sob a Partilha era dividido entre as três potências europeias: Rússia, Áustria e Prússia [...]” (2005, p. 37). Fato que contribuiu sobre maneira para que restasse aos imigrantes somente poder

[...] contar com a providência divina e a sua própria solidária comunidade étnica, havendo trazido da Europa desconfiança, ou até hostilidade frente aos inimigos da pátria-mãe riscada do mapa da Europa: alemães, ucranianos, austríacos. Os poloneses tentaram evitar a vizinhança dessas etnias recusando ao mesmo tempo a possibilidade de se estabelecerem condições e terras melhores, sob proteção de governos dos países oficiais de origem [...]. (SIUDA-AMBROZIAK, 2005, p.37)

Esses imigrantes poloneses “sem bandeira”, sem um país que pudessem ter como referência, sem proteção, fecharam-se numa espécie de “torre fechada”, estabelecendo as suas comunidades em lugares pouco conhecidos e de difícil acesso, o que permitiria recriar sua “terra natal”. Siuda-Ambroziak afirma que tais elementos contribuíram para que os poloneses se opusessem “[...] à miscigenação na forma de matrimônios de etnias mistas” (2005, p. 38).

A partir das considerações verificamos que os imigrantes oriundos da Polônia, fecharam-se em si mesmos, ou seja, dentro da cultura polonesa, buscando criar ou reconstruir seu local de origem na Europa. Mas não podemos perder de vista ou simplesmente ignorar que outros grupos de imigrantes, de outras etnias, também passaram por grandes problemas e dificuldades e com isso buscaram ter como ponto de referência a pátria de origem, ou seja, recriar essa pátria não era um privilégio dos poloneses. Segundo Siuda-Ambroziak,

[...] foi justamente o isolamento em que viviam os imigrantes e seus descendentes que fez com que – independentemente da vontade deles – fossem preservados por muitas gerações a língua dos antepassados e os costumes trazidos da Polônia, um forte sentimento de ligação, identidade e “limpeza” étnica, que era percebido como

espécie de “obrigação patriótica” diante da Pátria perdida. (SIUDA-AMBROZIAK, 2012, p. 87).

Analisando todos os elementos trazidos para a discussão, percebemos que a falta de uma efetiva política para os imigrantes por parte do governo brasileiro, acrescida das partilhas pelas quais passou o território polonês na Europa, e conseqüentemente os inimigos que lá se forjaram, estimularam o isolamento dos imigrantes poloneses, bem como, fortaleceram uma identidade que lhes fora suprimida e sufocada por longo tempo na terra de origem.

Ainda é importante ressaltar que além do fator solidariedade, muito forte entre tais imigrantes, existe outro elemento que corrobora de forma determinante nessa construção da imagem de si, enquanto etnia: o grande vínculo desse grupo com a religião católica tradicional, fato que acaba sendo fortalecido no “Novo Mundo”. Existiu e ainda existe um vínculo muito grande entre a religião católica e os poloneses, combinação que procura influenciar toda a vida social do lugar. Quando nos detemos para melhor analisar este vínculo, esta relação, constatamos que esses dois elementos se fortalecem e estão amplamente atrelados em Áurea. Como explicar ou entender o fato de que os colonos constroem uma capela muito antes de surgir entre eles o primeiro padre, ou antes, mesmo de concluírem suas próprias casas, ou de uma escola para as crianças?

Mas essa solidariedade e essa religiosidade que constatamos não é algo restrito, exclusivo dos poloneses. Para ilustrar tal problematização podemos trazer ao debate Janaína Amado (2002) que escreve sobre a Revolta dos Muckers, ocorrida no final do século XIX. Os Mukers, imigrantes alemães ocuparam uma região de São Leopoldo/RS, enfrentaram o descaso do Estado, fato que contribuiu para que os mesmos se organizassem em torno de João Jorge Maurer, o qual desempenhava o papel de curandeiro do local, devido à falta de assistência médica. Na ausência de uma prática efetiva de religião, sua mulher Jacobina era responsável pela “cura da alma”, elemento importante para que aumentasse o número de adeptos, pois com a ausência do Estado, somente lhes restava recorrer a ajuda mútua e a fé. A adesão cada vez maior de seguidores incomodou os demais colonos já instalados, o que levou ao enfrentamento dos Muckers e sua resistência religiosa com os colonos e a polícia.

Para melhor expressar o que os imigrantes alemães enfrentaram, Amado, nos diz que

Empobrecidos e inteiramente à mercê dos poderosos, afastados da cidade e do resto do mundo, desprezados por parentes e amigos agora ricos, cerceados em suas manifestações e criações espontâneas, marginalizados dos benefícios da nova ordem vigente em São Leopoldo, os colonos se apegaram tanto e tão fortemente à sua religião rústica como meio de preservar o que lhes restava de seu: “com minha religião eu sou forte”, escreveu em 1864 um velho colono. (AMADO, 2002, p.115).

A resposta para tais indagações podem ser obtidas quando percebemos que a questão religiosa não se restringe somente a etnia polonesa presente em Áurea, mas que esta, a exemplo de outras, mantém hábitos e costumes culturais e religiosos intensamente arraigados à época de sua imigração. A religiosidade ainda hoje é tratada com certo cuidado, especialmente entre as pessoas idosas. A conversão de um membro da comunidade a outra religião ou seita são vistos como uma espécie de traição. Porém esses laços não estão sólidos, como no início da colonização, pois analisando dados referentes ao último censo realizado pelo IBGE (2010), constatamos a emergência de outras religiões, não sendo Áurea desta forma essencialmente católica. Consequentemente seu poder como elemento norteador da vida social não está mais tanto em evidência.

Mas quando ainda vinculados tradicionalmente à religião católica conservadora, essa conversão se transforma em pecado imperdoável, diante dos antepassados estes

[...] católicos por tradição milenar, que encontravam na prática religiosa um meio de sobrevivência. A mesma ideia de ser “polonês” estava sempre intimamente ligada ao conservadorismo religioso, sendo “polonês” sinônimo de “católico verdadeiro” – protetor da igreja, língua e religiosidade. (SIUDA-AMBROZIAK, 2005, p.37).

Muitos elementos comprovam essa relação forte entre o imigrante polonês e a Igreja Católica, sendo evidentes os laços que reforçam a construção de uma imagem de comunidade e município homogêneo, enovelado com a identidade da cidade. Esse vínculo pode também ser percebido em alguns trabalhos acadêmicos que tem como objeto de estudo o município.

Para aprofundar nossa discussão podemos citar entre outros trabalhos acadêmicos relevantes sobre Áurea e sua cultura, a monografia “Mudanças Ocorridas na Religiosidade dos Descendentes de Imigrantes Poloneses⁴”, a qual escreve sobre a influência que a etnia polonesa exerceu nos aspectos sócio culturais, econômicos e religiosos das comunidades do Alto Uruguai. O foco desse trabalho é saber o que existe ainda hoje da religiosidade trazida pelos imigrantes poloneses e tentar encontrar a “nossa verdadeira identidade cultural” (p.06). A autora conclui a monografia afirmando que a religião se constituía como o principal fator de integração social e identidade cultural, porém evidencia que ocorrem muitas modificações no aspecto religioso, especialmente com as novas gerações não mais mantendo “vivo” o espírito religioso dos primeiros imigrantes.

⁴ Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Leitura, Análise e Produção Textual da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus Erechim/RS, tendo como autora do trabalho Neusa Maria Teribe Pogorzelski (1994).

Diante do exposto, cabe fazer no mínimo duas ressalvas importantes. A primeira diz respeito à própria ânsia da autora em encontrar uma identidade cultural “verdadeira”, pois os imigrantes poloneses são oriundos de várias regiões da Polônia, somado a isso é imprescindível salientar que a época da chegada dos primeiros imigrantes o país de origem passava por um processo de fragmentação interna, fato que corrobora e impossibilita encontrar uma “essência cultural”. Podemos ainda mencionar que o próprio processo de imigração gera uma diáspora, fruto das reminiscências do “velho” (local de origem) e do novo (local de chegada). A segunda é verificar que com a busca por identidade verdadeira a autora ignora, menospreza e deixa a margem ou no subterrâneo outras etnias e culturas que fazem parte da colonização ou construção do referido município, pois não possibilita outras leituras e até mesmo a possibilidade de vislumbrar outras práticas religiosas que possivelmente estavam presentes no local. Sendo assim, este estudo de alguma forma reforça a construção de uma ideia de que só há poloneses neste espaço. Percebemos a autora buscando uma identidade cultural “verdadeira”, como se esta fosse possível de ser encontrada dentro de uma mesma cultura e sociedade, pois estas são dinâmicas, sendo isso, ainda mais difícil num conjunto significativo de etnias num mesmo espaço geográfico.

Outro trabalho acadêmico pode ser apresentado que fortalece mesmo que indiretamente essa imagem que se constrói como única, é “A importância da comunicação no Contexto Histórico da Imigração Polonesa em Áurea – RS no período da Segunda Guerra Mundial⁵”. Esta monografia procura demonstrar o significado que teve a comunicação na imigração polonesa para os imigrantes de Áurea no Rio Grande do Sul. Para discutir a importância que teve o processo comunicacional dos poloneses com a terra natal, bem como, entre os imigrantes que chegaram ao município no período da Segunda Guerra Mundial, elas demonstram como os meios de comunicação foram fundamentais para que os poloneses e descendentes destes no Brasil, apesar das dificuldades da época pudessem obter informações sobre seu local de origem.

Em todos os trabalhos acadêmicos revisados – alguns não pertencentes a área da história como os acima mencionados - que discutem e refletem sobre o município de Áurea, constatamos algo que é recorrente, ou seja, a inexistência de pesquisas que possam levar em conta outras etnias ou culturas pertencentes a este espaço geográfico. Esses estudos de alguma forma reiteram a construção de uma ideia de que só há poloneses na região, fato até o presente momento fortemente exposto. O que queremos dizer é que os trabalhos até então realizados

⁵ A pesquisa tem como autoras Adriana Salete Onetta e Lidiane Maria Oneta Vieira (2006), da Universidade do Contestado – UnC, do Curso de Comunicação Social – Jornalismo.

não oferecem outra perspectiva, ou outro olhar, mas colaboram e reforçam a cristalização de uma imagem e de uma cultura polonesa.

Também temos trabalhos de pesquisa de maior envergadura, os quais tem como objeto principal a etnia polonesa. Dentre as pesquisas podemos mencionar o livro, “Montanhas que Furam as Nuvens⁶”, que apresenta uma série relevante de informações acerca do processo de colonização da região, atual município de Áurea pelos poloneses. A autora explora elementos que retratam a geografia, a agricultura, as moradias, a alimentação, as estradas, o transporte, o comércio, entre outros elementos que buscam apresentar a tônica dessa “odisseia” dos imigrantes poloneses.

Também a mesma autora publica o livro “Pequeninos Poloneses: cotidiano das crianças polonesas (1920-1960)⁷”, o qual tem como objetivo discutir aspectos vivenciados pelas crianças nas colônias de imigrantes. É interessante perceber o desejo de fazer esse resgate desde sua saída da Polônia, descrevendo e realizando uma análise da situação econômica, política e social da mesma, de um período anterior ao processo de emigração; fato que contribui sobre maneira para uma reflexão mais sólida quando de sua chegada ao Brasil e a própria região.

Importante mencionar que o referido livro, procura segundo Wenczenovicz (2010), sanar mesmo que de maneira preliminar um vazio historiográfico existente quanto ao cotidiano da infância na Imigração Polonesa. No livro, evidenciamos aspectos da relação entre crianças e adultos, de forma alguma desintegradas de uma lógica e de uma dinâmica da família no meio rural e das condições na colônia, bem como, a participação das crianças no próprio processo produtivo como força de trabalho. Participação esta que vislumbrava a idealização e projeção de uma vida melhor do que aquela vivida no presente pelos seus pais.

O trabalho é relevante pelo objeto de pesquisa escolhido pela autora, que traz ao debate novos atores, que contribuem para reconstruir a trajetória polonesa em sua viagem na busca por terras melhores com a perspectiva de um futuro promissor. As obras são extremamente importantes, colaboram e instigam a discussão que objetivamos fazer, quer seja, refletir e problematizar a cristalização de determinados elementos de uma cultura no processo de colonização da região. Em outras palavras a constituição de grupos e espaços que possam reforçar uma identidade, através do uso da memória.

⁶ WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. **Montanhas que Furam as Nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)**. Passo Fundo/RS: Universitária, 2002.

⁷ WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. **Pequeninos Poloneses: Cotidiano das Crianças polonesas (1920-1960)**. News Print, 2010.

Dentre os vários elementos trazidos até o presente momento procurando mostrar a imagem que a comunidade projeta sobre si mesma, bem como, a união entre a igreja e os poloneses, se faz importante discutir, a criação de uma festa que tem como objetivo principal resgatar a culinária polonesa. Realizada pela primeira vez, em 15 de agosto de 1997, a festa teve como principal articulador e promotor o pároco local e a igreja católica do município de Áurea. A festa ficou conhecida como a Festa Nacional da Czarnina⁸. Como vemos estes laços não somente no passado remoto, mas também cronologicamente mais próximos de nós, evidenciam o esforço de construção de uma imagem, de uma cultura polonesa que aparece, mais uma vez, associada a religiosidade.

Conforme Pedro Martim Kokuszka (2000), festa que consta no

[...] calendário de eventos turísticos do Rio Grande do Sul. É uma promoção da Paróquia de Áurea que procura nesse evento resgatar os valores culturais, artísticos e culinários dos poloneses. Nessas oportunidades são promovidas atividades culturais, exposição de fotografias, lançamento de obras literárias, apresentações do folclore e o jantar cujo prato destaque é a famosa Czarnina. (KOKUSZKA, 2000, P. 384).

A festa além de apresentada pelo autor foi amplamente divulgada nos jornais, com matérias sobre a realização da Primeira Festa da Czarnina. No jornal Diário da Manhã⁹ lemos que Áurea, além de ser conhecida como “Capital Nacional dos Poloneses também é conhecida pelos pratos típicos”. Vemos uma vinculação direta do título com a realização da festa. Em outra reportagem do mesmo jornal¹⁰ constatamos o desejo da festa também homenagear a santa padroeira do município. Temos então os poloneses reforçando o pertencimento à igreja, deixando mais sólidos estes laços.

Percebemos a construção de uma imagem, como algo homogêneo, fato que também, se reflete nos setores comerciais,

Áurea, aos poucos reconquista sua identidade, a polonidade, por exemplo, setores comerciais que aderem identificando suas atividades no idioma polonês destacando “APTEKA”, “PIEKARNIA” OU “DZIADIOS BAR”, significando a predisposição de se inserir no clima de esforços ao atingir uma proposta maior que é recuperar o espaço, tempo e caminho perdidos. (KOKUSZKA, 2000, p. 380).

⁸ Conforme Renata Siuda-Ambroziak (2005) - Czarnina – antigamente era uma sopa do sangue da galinha ou pato, preparada nas aldeias polonesas. Já desde muito tempo não existe no cardápio nacional na Polônia, mas pelos descendentes dos poloneses no Brasil é considerada um dos pratos mais típicos da Polônia.

⁹ ÁUREA promove a 1ª Festa Nacional da “Czarnina”. **Diário da Manhã**, Erechim/RS, p.12, 07 e 08 ago. 1999.

¹⁰ ÁUREA promove a 1ª Festa da “Czarnina”. **Diário da Manhã**, Erechim/RS, p.15, 12 ago. 1999.

É perceptível o desejo de transformar esse município num núcleo estritamente polonês, onde não somente associações culturais e religiosas labutam nesse intuito. Setores comerciais abraçam a causa polonesa não medindo esforços nessa construção. Esse empenho por parte do comércio não foi perceptível somente por Kokuszka (2000), mas vemos ainda hoje lojas mudando seus nomes para manter ou fortalecer uma relação com a etnia, e consequentemente manter e transmitir uma imagem unívoca da presença polonesa nesta região. A única rádio existente no município denomina-se “Rádio Polska”, uma menção direta a cultura ora discutida.

Buscando consolidar ainda mais essa imagem que se quer construir de Áurea, no ano de 1990, mais exatamente no dia 24 de abril, foi fundado núcleo da Braspol¹¹, sendo este o “primeiro núcleo criado no país¹²”. Para o entrevistado Antonio Jorge Slussarek a fundação do grupo

[...] visa resgatar a questão cultural da Polônia/Brasil, na verdade trabalhando bastante a questão polonesa, como Áurea é a capital polonesa dos brasileiros e tem na sua maioria a etnia polonesa, então nesse sentido a Braspol trabalha a questão cultural da Polônia. Através de cursos, através de aulas que são ministradas e aqui no museu. Atualmente através de festas tradicionais, onde visa resgatar um pouquinho dessa cultura que é muito forte e que identifica o município nas suas origens, então dessa forma, a Braspol trabalha com o polonês diretamente, com o povo de Áurea, com o povo polonês e não deixando, claro, outras etnias, mas o forte mesmo da Braspol é a cultura polonesa diretamente¹³.

Dessa forma, emerge mais um elemento que contribui com a ideia de uma identidade coletiva única, que ganha força significativa com a criação da Braspol, em 1990, sendo o núcleo de Áurea o primeiro do país. A entidade tem como anseio principal resgatar a cultura e a tradição polonesa no seu aspecto artístico, histórico, patrimonial e de relações públicas, de toda imigração polonesa e de seus descendentes. De acordo com o histórico, tinha como plano imediato participar do evento dos 75 anos da Paróquia, com a exposição de objetos e material histórico, participação em programas de rádio denominado de “Hora polonesa”, promover cursos de culinária típica polonesa e o ensino da língua polonesa em todas as Escolas do

¹¹ BRASPOL – significa Comunidade Representativa Brasileiro-Polonesa. Uma organização de âmbito nacional que representa todos os segmentos da comunidade Polono-Brasileira no Brasil. Constituída de Associações Cívicas e Religiosas oriundas da imigração polonesa.

¹² MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 02.

¹³ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 01.

Município. Esta, incorporada como disciplina de base curricular do 6º ao 9º ano na rede municipal de ensino é ministrada pelo entrevistado Artêmio, o qual confirma que “[...] leciona língua polonesa, na Escola Agrícola de 6º ao 9º ano [...]”¹⁴.

Também através da Braspol, criou-se no município o grupo de danças típicas polonesas, chamado “Auresóvia”¹⁵. Este grupo conforme Kokuszka (2000) através de sua “indumentária, ritmo e linguagem musical nos transporta ao passado dos imigrantes que aqui aportaram, e nos legaram a herança de tudo que acontece em nossos corações.” (p.381).

Dentre os vários momentos importantes que fortalecem o sentimento de pertencimento e de construção dessa identidade de Áurea, um é importante. Trata-se de concessão do título conquistado em 1997, que torna o município a Capital Polonesa dos Brasileiros. Importante salientar que conforme Siuda-Ambroziak (2012) a obtenção de tal título se deve ao fato do município ser sob o ponto de vista da origem étnica, uma das localidades mais homogêneas do Rio Grande do Sul. Mas que não foi algo muito tranquilo, pois existiam outros centros de cultura polônica no estado, elemento importante que aumenta a rivalidade na disputa por tal título. Além de Áurea disputavam este Título os municípios de Dom Feliciano e Guarani das Missões, este último detendo o título de Capital Polonesa dos Gaúchos. De acordo com Kokuszka, “no dia 27 de outubro de 1997, foi oficializado o título acima, junto ao Instituto de Marcas e Patentes do Rio de Janeiro. Esse merecido título foi a brilhante iniciativa da municipalidade articulação, apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Áurea”. (KOKUSZKA, 2000, p. 226).

Temos assim a oficialização de algo buscado de maneira incessante pelas lideranças locais; fazer desta um símbolo de distinção, com uma marca que a identifica. Siuda-Ambroziak (2012) demonstra essa aspiração, mas também temos indícios ou elementos que podem futuramente ser refletidos e discutidos. Conforme a autora

[...] como demonstram as estatísticas municipais, mais de 90% da população de Áurea (exatamente 92%) são de origem polonesa, o que faz com que Áurea seja, sob o ponto de vista da origem étnica, uma das localidades mais homogêneas do Rio Grande do Sul. Em razão disso, com o objetivo de promover o turismo no município, em 1997 foi oficialmente atribuído a Áurea o título de Capital polonesa dos Brasileiros [...]. (SIUDA-AMBROZIAK, 2012, p.84).

¹⁴ MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 01.

¹⁵ O grupo surgiu da união de algumas pessoas entre elas do Padre José Wojnar, as quais reuniram alguns jovens e crianças com o intuito de ensaiar danças típicas polonesas. Conforme histórico do grupo várias entidades colaboraram para a concretização deste objetivo, inclusive o poder público municipal. Quanto à denominação esta se deve a grande contribuição do padre José, este oriundo de Zeszów – Polônia, com a junção do nome da cidade de origem do padre e Áurea temos o grupo “Auresóvia”.

Também se torna evidente nos meios de comunicação escrita a intensidade do acontecimento. No jornal “A Região”, temos um editorial especial tratando desse momento ímpar no município, segundo palavras do Embaixador da Polônia no Brasil, Buguslaw Zakrzewski, que esteve em Áurea no ato de oficialização, este relata “que os povos da Polônia e Brasil têm uma amizade e raízes muito forte, portanto, formam uma grande família¹⁶”.

O jornal Diário da Manhã também traz importantes notas a respeito deste momento significativo vivido no município. Entre estas podemos destacar a que faz uma retrospectiva do trabalho realizado para a obtenção de tal título. Na matéria podemos constatar que “a ideia surgiu durante o 1º ENCOTUR – Encontro de Setores Ligados ao Turismo do Alto Uruguai [...] que sugeria a solicitação deste título e apoiou integralmente a iniciativa da Prefeitura de Áurea [...]”¹⁷, portanto a iniciativa tem o aval de um Departamento de turismo regional que abraça a ideia original dos dirigentes locais. Outra reportagem menciona que “Município recebe o Cônsul Polonês amanhã: Data comemorará a oficialização do título de “Capital Polonesa dos Brasileiros¹⁸”. Verificamos que o município através de seu prefeito convoca toda população em especial os descendentes poloneses a prestigiar tal solenidade.

Quanto mais aprofundamos a pesquisa e a reflexão sobre este município, que carrega esta marca distintiva de Capital Polonesa fica mais claro e evidente o intento de transformar esta cidade em algo puramente polonês. Nas palavras de Siuda-Ambroziak (2012) uma “localidade homogênea”, porém percebemos que a mesma não problematiza ou discute a presença de outras etnias.

Quando estudamos o processo de colonização do município, percebemos que existe a predominância da etnia polonesa, mas também fica evidente a presença de outras etnias, desde o início de sua ocupação. Não podemos compartilhar da visão oferecida de forma oficial sobre a colonização do município, pois antes mesmo da chegada dos primeiros imigrantes, existiam nessa região, como em tantas outras, os povos indígenas.

Temos, portanto uma lacuna relevante que precisa ser refletida, debatida e principalmente sanada na história da colonização de Áurea. Para falarmos dos primeiros habitantes deste lugar é oportuno trazer a discussão Arno Alvarez Kern, o qual ao falar sobre o momento que os primeiros grupos indígenas entram em cena relata:

¹⁶ ÁUREA é a Capital Polonesa dos Brasileiros. **Jornal A Região**, Erechim, p.31, nov. 1997.

¹⁷ CAPITAL Polonesa movimento iniciou em agosto deste ano. **Jornal Diário da Manhã**, Erechim, p.04, 13 set.1997.

¹⁸ MUNICÍPIO recebe o Cônsul Polonês amanhã. **Jornal Diário da Manhã**, Erechim, p. 03, 26 e 27 out.1997.

A região oriental do rio do Prata já estava povoada desde a última glaciação, há 12.000 anos A.P., ou seja, 10.000 antes de Cristo. [...] Estes vestígios nos permitem ter uma ideia inicial sobre as origens e os primórdios da instalação dos primeiros grupos indígenas. Na aurora do Rio Grande do Sul, eram caçadores, coletores e pescadores estes primeiros habitantes que se instalaram nas paleopaisagens ainda geladas, frias e secas do último período glacial. (KERN, 2009, p. 16).

Evidências arqueológicas comprovam o que com grande esforço procura-se esconder ou mesmo produzir outras formulações que negam a presença indígena neste espaço. Muito antes da chegada dos primeiros imigrantes europeus nessas paragens, precisamos reconhecer que este não era um espaço vazio. Não podemos simplesmente chegar a números exatos e restritos a algumas etnias constituintes desta comunidade, mas tomar consciência de que a cultura indígena faz parte não somente deste espaço, mas da própria memória e identidade de Áurea. Entretanto como espaço, memória e identidade são socialmente construídos, a cultura indígena está claramente excluída da história do município.

Temos dados que fortalecem a ideia de uma maior concentração de poloneses em alguns municípios, mas também existem estudos que, apesar de evidenciar a alta presença demográfica de alguns grupos étnicos, deixam espaço para reflexão e problematização. No que tange aos poloneses Isabel Rosa Gritti afirma que

Importante destacar que os imigrantes poloneses, mais do que os das demais etnias, concentraram-se em determinados locais, como Barro, Floresta, Nova Polônia, Treze de Maio, Centenário, que evoluíram para municípios e que concentram na atualidade um elevado número de descendentes de poloneses, quando não correspondem a maioria do município. È o caso, por exemplo, de Carlos Gomes (Nova Polônia), que tem mais de 90% de sua população descendente de imigrantes poloneses. O mesmo ocorre com Áurea (Antiga Treze de Maio), atualmente a capital brasileira dos poloneses e Barão de Cotegipe (Antiga Floresta). (GRITTI, 2004, p. 119).

A autora nos apresenta Áurea como majoritariamente polonesa, mas ao mesmo tempo nos deixa entrever outros grupos que estão à margem da historiografia do município. Sendo assim, se poderia pensar no índio inserido neste espaço, no momento da colonização, fato que certamente ocorreu, mas que não é ressaltado por parte da comunidade e lideranças que definem o que deve ser preservado e o que não.

Falamos anteriormente que entre os requisitos para a obtenção do título de Capital Polonesa, o fator que mais contribuiu para tal intento foi a sua homogeneidade étnica. Como explicar isso, frente ao que Gritti (2004) nos apresenta, quer seja, os municípios de Carlos Gomes, limítrofe de Áurea e Barão de Cotegipe, com mais de 90% de sua população

descendente de poloneses, sem mencionarmos ainda Dom Feliciano e Guarani das Missões. Por que tais municípios não concorreram ou ganharam este título?

Temos uma concentração mais significativa dos poloneses em alguns locais, entre eles Áurea, mas como abordado por Wenczenovicz (2002), e reforçado por Gritti (2004), existem locais com alta concentração de poloneses, mas isso não significa de modo algum a totalidade e exclusividade, de elementos étnicos. Este fato demonstra que o município não é um todo homogêneo, ao contrário, é composto de orientações e interesses múltiplos e muitas vezes, por que não dizer conflitantes. Podemos ainda dizer que numa mesma população existem processos de identificação e identidades culturais extremamente distintos, ou seja, as identidades locais por mais cristalizadas que estejam não são homogêneas.

Áurea possui a predominância polonesa, fato que impulsiona a busca por manter viva a memória deste grupo que vem a ser majoritário. Desta forma, vemos surgir como uma ramificação, um apêndice do Grupo Braspol e da própria Igreja Católica do município, a primeira coletânea de objetos antigos como forma de resgatar a cultura do lugar. Entre 1990 a 1995 o Museu é do grupo Braspol. Neste momento, temos a gênese do que se constituirá como Museu Municipal da cidade, ou seja, uma forma de apresentar a memória e/ou identidade do grupo polonês, constituindo-se com uma espécie de monumento, dissociado das demais memórias constituintes da história ou colonização do município.

3 CAPÍTULO II - O ESPAÇO DE MEMÓRIA

Em meio a esse espaço que vemos emergir no município de Áurea, e antes de prosseguirmos com nossa discussão, é importante fazermos uma pequena digressão e apresentarmos os diversos usos da memória, bem como, o processo de transformação que esta sofre ao longo do tempo. Para resgatarmos um pouco dessa trajetória dos usos da memória, sendo esta uma alavanca que impulsiona os diferentes sentidos atribuídos a mesma, nos servirá de apoio central nessa discussão Jacques Le Goff (2003), o qual faz uma longa análise dos vínculos que as diversas sociedades em diferentes épocas fizeram e fazem da memória.

Nesse breve retorno, iniciamos nossa reflexão a partir da memória coletiva dos povos sem escrita. Para estes, a memória tem como principal função a transmissão de conhecimentos considerados secretos, essenciais para a vida coletiva do grupo, mas também podemos pensar instigados por Le Goff (2003) que, além da transmissão, esta tinha por objetivo manter uma memória mais criadora que repetitiva.

De forma sucinta podemos dizer que

Nas sociedades sem escrita, a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa. (LE GOFF, 2003, p. 427).

Com o surgimento da escrita percebemos um duplo progresso, este manifesto a partir do desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira com surgimento dos monumentos comemorativos, ou seja, “a memória assume, então, a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia” (LE GOFF, 2003, p. 427). Importante ressaltar que, no Oriente as inscrições cederam lugar a monumentos como as estelas e obeliscos, mas que também podem ser classificados como monumentos comemorativos, os quais trazem em sua base a perpetuação da memória.

Descrevendo esse resgate, se faz oportuno mencionar que os reis por seu turno, “[...] criam instituições-memória: arquivos, bibliotecas, museus” (LE GOFF, 2003, p. 429). Temos o rei promovendo um programa de memorização, do qual ele se constitui o centro em toda extensão na qual tem autoridade. O desejo de eternizar e estar presente, mas também uma nova organização do saber, através da memorização pelo inventário, por uma lista hierarquizada, a qual manifesta o aspecto da organização de um poder novo. Certamente não

seremos ousados demais se vislumbrarmos na atitude dos reis a gênese dos primeiros espaços de memória.

Continuando nossa trajetória nos deparamos com a memória medieval, esta tendo como característica principal a “cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica [...]” (LE GOFF, 2003, p. 438). Temos um período de forte influência da igreja, o judaico-cristianismo interferindo e intensificando a relação com a memória. Além disso, evidenciamos uma influência significativa no sistema escolástico das universidades, nas quais o recurso à memória continua a fundar-se mais na oralidade que na escrita, conforme o autor.

Emergem intensos trabalhos científicos e técnicos que aceleraram e modificaram a teoria clássica da memória formada na Antiguidade greco-romana. Somado a isso temos o começo do século XVIII, e a entrada em cena da imprensa, novo elemento que impulsiona e revoluciona a memória. Ou seja:

Memória jornalística e diplomática: é a entrada em cena da opinião pública, nacional e internacional, que constrói também a sua própria memória. Na primeira metade do século XIX, presencia-se um conjunto massivo de criações verbais [...] conjunto de termos que testemunha os progressos do ensino e da pedagogia; [...] mostra que a vida cotidiana foi penetrada pela necessidade de memória. (LE GOFF, 2003, p.455).

Nos séculos XVIII e XIX, pelos fatores apresentados por Le Goff, identificamos um deslocamento intenso quanto aos usos da memória. O autor nos aponta um século XVIII mais voltado à ordem do saber, criando depósitos centrais de arquivos, mas também criando instituições especializadas, entre elas os museus. Já o século XIX, mais vinculado à ordem dos sentimentos, se apresenta como uma explosão do espírito comemorativo, espírito este que tem a Revolução Francesa o seu ícone maior.

Mas a vontade de comemorar está presente tanto para os revolucionários, como para os conservadores. “Se os revolucionários querem festas comemorando a revolução, a maré da comemoração é, sobretudo, apanágio dos conservadores e ainda mais dos nacionalistas, para quem a memória é um objetivo e um instrumento de governo” (LE GOFF, 2003, p. 458).

A memória está, dessa forma, manipulada pois ambos os lados desejam ou fazem uso dela para legitimar suas convicções políticas, as quais acabam contribuindo para o fervilhar do movimento científico destinado a fornecer a memória coletiva das nações. Nessa época

emerge o Museu como instituição especializada, que contribui para o fortalecimento dos estados nação.

Para Pedro Paulo Funari,

Os museus surgiram no bojo da constituição dos estados nacionais e dos projetos de formar cidadãos uniformes, que compartilhassem as mesmas origens e características. Foram criados e floresceram, ainda, no âmbito das grandes potências imperiais que tinham nos museus de aspiração universal, como o Louvre ou o Museu Britânico, um meio de asseverar a superioridade das metrópoles. Serviam, pois, de guardiães da memória nacional e universal, sem, no entanto, ambicionar atingir o homem da calçada, como se dizia à época, pois que tardou para que a educação de massa almejasse levar o povo aos recintos sacros dessas instituições, que mais se assemelhavam a catedrais. (FUNARI, p.01, 2013).

Com base neste breve resgate da trajetória da memória, associado ao que apresentamos anteriormente referente a elementos que buscam legitimar e dar um caráter de homogeneidade ao município de Áurea, temos o contexto em que se constitui um espaço de memória que dialoga com essa identidade também em construção. A primeira ideia de reunir objetos antigos que pudessem retratar a cultura local tem como base o grupo Braspol. Este definiu em reunião realizada no dia 17 de junho de 1990¹⁹ que, entre outras atividades, teria a

Participação ativa da Secretaria de Pesquisa Histórica, da Secretaria de atividades Artísticas e da Secretaria da Cultura na coleta, avaliação e exposição do material Histórico da Imigração Polonesa de Áurea na festa do dia 15 de agosto próximo. A festa será em comemoração ao aniversário de 75 anos da Paróquia de Áurea e coincide com o dia de Nossa Senhora do Monte Claro que é padroeira e também Padroeira do município de Áurea. (Braspol, Ata 02/90, s/p).

Verificamos elementos importantes no fragmento apresentado; primeiramente a contínua relação entre a religião católica e a cultura polonesa que objetiva fazer essa coletânea de objetos para exposição, num momento significativo para a comunidade, que é a comemoração do aniversário da Paróquia, coincidindo com o dia de sua padroeira, bem como, do município. Permanece cada vez mais arraigada e cristalizada a ideia de que Áurea tem como característica única a cultura polonesa e a religião católica. Institui-se um espaço de memória e a construção de uma identidade, que se quer homogênea tanto nos aspectos culturais, como nos aspectos religiosos no município.

Para Chagas (2005), “[...] excluindo os aspectos involuntários todas as ações de preservação, musealização e memorização estão ao serviço de determinados sujeitos, o que

¹⁹ Conforme Ata nº 02/90 do grupo polonês BRASPOL, reunião esta que ocorreu no Centro Pastoral da Paróquia de Áurea.

equivale a dizer que elas ocorrem como um ato de vontade, ou como um ato de poder”. (p.03). Partindo do pressuposto apresentado pelo autor, verificamos que o processo de preservação está permeado de poder e seleção que determinados sujeitos ou grupos fazem para a legitimação de suas aspirações.

Portanto, enquanto este espaço permanece na esfera do grupo que propiciou seu surgimento seu objetivo é alavancar a etnia polonesa destacando sua importância como baluarte da fundação de Áurea. Temos então o museu fornecendo suporte nesse sentido, em outras palavras, percebemos a emergência de um mito fundador da cidade, que procura se cristalizar, respaldado pelo espaço museológico. Conforme o entrevistado Antonio Jorge Slussarek²⁰ a criação do museu carrega em sua estrutura a vontade de fazer o resgate cultural e religioso da comunidade, este cimentado na cultura polonesa.

Porém, outra relação com o passar do tempo se faz evidente, conforme entrevista com o senhor Artêmio Adão Modtkowski²¹, o poder executivo municipal colabora com o Museu cedendo um funcionário para trabalhar neste espaço, logo este continua extremamente vinculado ao grupo Braspol. Temos a entrada em cena de outro protagonista deste espaço, o poder público municipal, elemento novo que pode ser problematizado. Conforme o senhor Artêmio o “[...] prefeito Beto acatou de me ceder da escola para trabalhar no Museu da Braspol e daí comecei a organizar e estou até hoje, trabalhando aqui”²². Temos presente o interesse do poder público neste espaço de memória, ficando explícita a atuação deste no desfecho dos fatos seguintes.

Em meados de 1995 temos efetivamente o poder executivo, tomando para si a responsabilidade por manter este espaço de memória. Através do Projeto de Lei nº 22/95 de 10 julho de 1995²³, o Poder Executivo encaminha para apreciação e votação a matéria que institui o Museu Municipal denominado João Modtkowski. Analisando o Projeto percebemos que

A criação e implantação do Museu Municipal João Modtkowski será um acervo específico da história da colonização do Município de Áurea, proporcionando infraestrutura necessária para estudos da História do Município, através da visão de

²⁰ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 03.

²¹ MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 03.

²² Ibid., p.03.

²³ Dados obtidos no acervo da Câmara Municipal de vereadores do município de Áurea - RS.

quem aqui viveu e construiu, para conhecer e divulgar, usos, costumes, tradições, marcos, danças, teatros e locais históricos. (PROJETO DE LEI, nº 22/95, s/p).

Partindo da citação acima, algumas reflexões podem ser feitas. Primeiramente objetiva-se criar um “acervo específico” da colonização do município, ou seja, poderíamos entender isso como um reconhecimento de que o município é formado por várias etnias, consequentemente o espaço ora discutido deve dar conta de, em seu interior, representar todos os elementos constituintes deste local. Construir uma identidade ou história a partir de “quem aqui viveu”, demonstra o objetivo de cristalizar, por meio de costumes, tradições, danças, entre outros elementos, algo sacralizado, sem possibilidade de problematização e reflexão, uma espécie de história fundacional do município.

Continuando nossa pesquisa e ainda debruçados sobre o Projeto que cria o Museu, de modo mais especial sua justificativa²⁴, constatamos entre os vários argumentos “a necessidade surgida e sentida pela comunidade polono-brasileira, de conhecer e preservar a história da colonização do município esta voltada para obtenção de recursos que venham dar infraestrutura ao Museu da Braspol e passar a ser Museu Municipal.” (Justificativa ao Projeto de Lei, nº 22/95, p.01).

Percebemos que existe uma contradição entre o Projeto de Lei e a justificativa referente a este documento, enquanto o primeiro salienta a necessidade de resgatar a história da colonização, dessa forma, podemos ler todas as etnias que aqui colaboraram no processo de criação do lugar, no segundo fica extremamente evidente o intuito de preservar a história polonesa, somado ao fato que a municipalização tem como principal objetivo sanar um problema estrutural e econômico pelo qual passava o então Museu da Braspol. Fato que é confirmado nas entrevistas realizadas, tanto com o diretor do Museu como a realizada com o funcionário que lá exerce suas atividades. Quando questionados acerca da municipalização do Museu, são unânimes em afirmar a falta de recursos econômicos.

Prosseguindo na análise da Justificativa temos que, além de cumprir a Legislação vigente ao que concerne a Conservação do Patrimônio Histórico e Cultural, é função do Museu

Preservar os costumes étnicos, agrícolas e sociais da colonização predominantemente polonesa, mas com contribuições do italiano, alemão e *índio*²⁵.
Conscientizar o povo de que o costume e o conhecimento do passado é importante na educação das futuras gerações, dando-lhes uma visão total ou pelo menos sucinta,

²⁴ Texto que procura explicitar o teor do Projeto, apresentando os motivos de seu envio a Casa Legislativa, para fins de apreciação e consequente sanção do Prefeito.

²⁵ Grifo nosso.

do que foi o homem e o seu trabalho no desenvolver, através do tempo, o social, o urbano e o rural, para poder entender a situação em que vive, aquilo que sente, e, assim projetar o futuro que está em suas mãos. (Justificativa ao Projeto de Lei, nº 22/95, p.01).

Novas problematizações podem ser pensadas, a partir do exposto. O interesse incessante em preservar costumes étnicos, pode ser um deles. Amparados em Chagas podemos perceber que “todo projeto de preservação patrimonial resulta de exercício do poder, ainda que em muitos casos a sua justificativa seja apresentada em nome do perigo de destruição ou de hipotéticos valores que todos devem acatar e reconhecer”. (CHAGAS, 2005, p.03). O medo apresentado nos diversos momentos de criação do Museu, com relação ao perigo da destruição de costumes e tradições polonesas, deixa transparecer que também este espaço é resultado da ação efetiva do poder, este exercido pela maioria étnica e pelo poder público municipal. O que se busca com tal intento é justamente cristalizar, congelar no tempo e no espaço uma prática social e de trabalho.

Porém a vida, o mundo e as relações sociais devido sua dinamicidade, exigem mudanças na concepção de nossas ações cotidianas; as quais passam pelo reconhecimento, mesmo que de forma secundária de outros grupos, que o Museu deseja preservar e apresentar. Temos em Áurea uma sociedade plural e diversa, não somente culturalmente, mas também na sua religiosidade, coexistindo num mesmo espaço várias culturas, bem como, várias religiões.

Quando é manifesta a vontade de “conscientizar o povo” da importância dos “costumes”, associando esse elemento a educação das futuras gerações, tratando essa conscientização como um fato dado e pronto, sem reflexões e problematizações, acaba, a nosso ver, tornando-se algo bastante contraditório e problemático. Saber como ocorreram as transformações nesse espaço geográfico, é importante, mas construir uma identidade muito polonesa ao passo que, aos demais, cabe somente a “colaboração”, ou seja, o papel de coadjuvante na construção do município é uma discussão que faremos em outro momento.

Sem nos determos muito no Projeto de Lei, faremos uma breve inflexão no momento da discussão da criação do Museu, no âmbito do Poder Legislativo Municipal. De acordo com a Ata nº 083/95²⁶, percebemos a inexistência de uma discussão no sentido do que preservar. Analisando a fonte é nítida a preocupação por parte dos vereadores em discutir os méritos da denominação João Modtkowski.

Entre os vários argumentos para a definição do nome, estão segundo dados em anexo ao Projeto de Lei e sua justificativa, que João Modtkowski contribuiu de forma singular no

²⁶ 14/07/1995.

processo de colonização do hoje município de Áurea, destacando-se pelo seu empreendedorismo, já que o mesmo instalou o primeiro moinho e também a primeira serraria do lugar. As entrevistas contribuem para elucidar melhor a escolha. Para Artêmio, o nome se deve ao reconhecimento para com o imigrante polonês, pois este

[...] ajudou muito a comunidade. Ele trouxe as primeiras irmãs religiosas da Polônia para Áurea, e doou e serrou toda a madeira para a construção da primeira Casa das Irmãs Religiosas e participou continuamente nas diretorias da Paróquia, era catequista, enfim ajudou muito a comunidade.²⁷

Outras manifestações carregam em seu cerne as mesmas considerações, destacamos uma do Poder Legislativo Municipal que diz

[...] que independentemente de bancada, homenageamos uma pessoa que quando passou por aqui as terras eram mata serrada, não fizemos um favor e sim cumprimos com a obrigação da homenagem ao João Modtkowski e esta família traz tradição, e o professor Artêmio cultivava a língua polonesa e a cultura polonesa, é muito importante a criação deste com esta homenagem [...].²⁸

As contradições são cada vez mais evidentes, o Projeto de Lei do executivo enuncia de forma clara, que o Museu João Modtkowski daria conta de representar também outras etnias do local. Mas ao longo da análise do documento e nas discussões da Câmara de Vereadores, em momento algum, outras etnias são apresentadas, vemos uma defesa incondicional da família da qual se origina o Patrono do Museu e também da cultura polonesa. Ao analisarmos com cuidado a Justificativa ao Projeto, bem como, a discussão que segue no âmbito do Poder Legislativo, percebemos que a palavra índio, aparece uma única vez no texto de justificativa, nos demais momentos de deliberação acerca do mesmo não encontramos mais a mesma palavra²⁹.

²⁷ MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 05.

Por seu turno Antônio Jorge, destoa deste argumento, para este “O nome João Modtkowski, foi idealizado pelo professor Artêmio, porque o João foi bisavô do Artemio e no momento que ele começou a trabalhar com esta questão, nada mais justo que dar o nome do bisavô ao museu, então ficou museu João Modtkowski” (p.06). Com isso a própria denominação está entre versões que não se tocam, não convergem. De um lado o destaque a contribuição do imigrante na colonização, como se o município tivesse uma dívida para com este indivíduo. De outro os laços existentes entre o Patrono e o idealizador deste espaço.

²⁸ Ata 83/95 de 14/07/1995, p. 88.

²⁹ A palavra índio presente no corpo do texto de Justificativa do Projeto de Lei nos parece mais, como legitimação buscando retratar a “diversidade” local existente.

Importante ainda relatar que esta discussão, conforme retratado pelo jornal Diário da Manhã³⁰, identificamos matérias que confirmam a realização da Sessão Ordinária, junto a Escola Estadual do Município, para que juntamente com a comunidade escolar e demais segmentos da sociedade fosse discutida a criação deste espaço de memória. Fato que não é comprovado pela Ata, pois em momento algum se menciona a participação da comunidade nesse processo, ou em outros que possam ter ocorrido, nem sua colaboração nas discussões.

Conforme entrevista com o diretor do Museu e também com o funcionário, constatamos que a participação da comunidade se restringe a doação de objetos para formar o acervo. A comunidade não participa da discussão, salvo no nível do grupo Braspol. Mas quando essas discussões ocorrem no nível do grupo, conforme Antônio Jorge, questionado sobre a participação dos associados nas reuniões, o mesmo responde que isso se restringe aos

[...] membros mais efetivos. Muitas vezes trazer a população pra essas reuniões é bastante complicado como em todas as outras questões, o pessoal é meio resistente [...] e tantas outras reuniões que se faz ai, o pessoal não vem, então é bastante difícil.³¹

A participação local, instrumento importante na construção do espaço de memória torna-se restrita a um grupo exclusivo, estes definidos como “mais efetivos”. Mas temos também outros elementos que nos levam a pensar sobre essa participação, a partir da entrevista, dentre eles quando o entrevistado diz que “trazer a população é complicado”, fica clara a dificuldade, ou até a própria resistência – “o pessoal não vem” - quanto a questões relacionadas ao grupo.

Ainda amparados nas entrevistas e buscando elucidar como foi o processo de participação da comunidade na instituição do Museu, verificamos uma contradição nas próprias entrevistas quanto à participação da comunidade no que concerne a discussão sobre a criação do Museu. Para o senhor Artêmio, houve a participação da população, pois esta ajudou a escolher o nome do Patrono do Museu, através de uma pesquisa realizada³².

Para Antônio Jorge, essa participação se resume à doação de objetos, visitação e envolvimento com o poder público. As entrevistas nos levam a concluir que a participação popular, esta pensada em todos seus níveis e segmentos quanto à discussão da criação do

³⁰ VEREADORES debatem com estudantes. **Jornal Diário da Manhã**, Erechim, p.04, 12 jul.1995.

VEREADORES debateram com estudantes em sessão histórica. **Jornal Diário da Manhã**, Erechim, p.16, 04 ago.1995.

³¹ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 03.

³² Fato que não podemos comprovar pela falta de fontes e documentos que confirmam tal manifestação.

Museu e conseqüentemente ao que preservar, não ocorreu. Ficando tal demanda nas mãos de uma pequena parcela da população e de membros mais ativos do grupo Braspol.

O poder público corrobora na construção de uma memória única em Áurea. Quando o Museu se torna municipal, tendo entre outras, a finalidade de mostrar os vários segmentos constituintes da comunidade local, o mesmo se furta da responsabilidade de debater com seus munícipes, impondo visões e seleções. O município promove e reforça a visão de uma comunidade única, cerceando as manifestações múltiplas e diversas do local.

Ao evocar a memória na construção da identidade presente no espaço museológico do Museu João Modtkowski, chegamos ao ponto nevrálgico desta unidade, fato que diferencia o presente trabalho dos demais já realizados, tendo por objeto de estudo o município de Áurea. Desejamos discutir, a constituição deste espaço de memória, bem como, seus significados e significantes no contexto em que está inserido, fato ainda não problematizado.

Seguindo o pensamento de Funari (2013), somos levados a evidenciar que está ocorrendo um incessante e crescente processo de “desmaterialização³³”, caminhando para a comunicação e diversão em tempo integral e visando a busca de prazer imediato. Essa forma de fugir das ansiedades e incertezas de um mundo em permanente mutação, faz com que o museu seja afetado de forma muito singular. Fato que contribui para a tomada de consciência de que estes espaços não podem continuar somente a “custodiar objetos”, por mais que continuem tendo sua relevância.

Este cenário impõe novos desafios para os museus, os quais estão em constante disputa com o entretenimento e com a busca de satisfação instantânea. Portanto, diante desse quadro, a criatividade tem papel fundamental na constituição desses espaços. Para Funari,

Criar consiste em trazer algo ao mundo por meio do uso das mãos, se pudermos relacionar o termo ao grego *kheir* (mão, de onde vem cirurgia, algo feito com as mãos). Essa materialidade do termo não é casual, nem desimportante. São as mãos que permitem tanto criar uma exposição, como ao visitante que possa experimentar as sensações dos objetos. Tocar nas coisas vai contra o fetiche tão bem difundido de inviolabilidade do artefato, como se ele precisasse ser preservado das impurezas trazidas pelo manipulador. Mais do que isso, a aura da intocabilidade leva, como já alertaram tantos estudiosos, a um efeito de relação erótica com o objeto que se apresenta como um corpo mágico que só pode ser olhado. A criatividade envolve, portanto, permitir que os sentidos sejam usados pelos frequentadores dos museus. Com isso, ademais, se pode chegar à dimensão tanto do prazer, como da viagem onírica para outras realidades que o museu pode ensejar. (FUNARI, 2013, p.01).

³³ Podemos entender desmaterialização, vista por Funari, como um processo de aceleração do tempo presente, um mundo em constante transformação e movimento, vinculado a impossibilidade dos indivíduos de registrarem tudo que passa freneticamente a frente de seus olhos, o que contribui para a busca incessante de preservar a memória e a identidade e conseqüentemente na criação dos lugares de memória.

O autor propõe romper com o fetiche da sacralização, da intocabilidade dos objetos, sugerindo, dessa forma, uma nova concepção de museu, em que o visitante possa experimentar as sensações dos objetos, que permitam outras e mais ousadas viagens, a realidades até então subjugadas ao elemento mágico e estático representado no museu.

Diante do quadro proposto por Funari e pensando o Museu João Motdkowski, o que vemos é um espaço que promove essa sacralização do “que é ser polonês”, sem oferecer indícios para uma reflexão que possa levar em conta outras etnias e de modo especial o índio. De acordo com o pesquisador local, Pedro Martim Kokuszka,

[...] no transcorrer dos milênios, perpetuaram-se as tribos silvícolas, pois alí existiam condições favoráveis para a sobrevivência na intocada floresta rica em flora e fauna. Eles faziam parte desse cenário natural, integrados a essa sábia dinâmica. Retiravam da natureza seus alimentos, seus remédios e suas ferramentas. (KOKUSZKA, 2006, p. 49).

Analisando o acervo do Museu João Motdkowski encontramos uma quantidade muito grande de objetos, para não dizer total, representando a etnia polonesa, vinculando esta ao trabalho diário e uma representação muito forte da religião católica. Porém, não encontramos nada que nos remeta as demais culturas, inclusive a indígena. Diante de tal circunstância cabe uma pergunta: Onde estão as demais etnias, apresentadas como integrantes do município, como vimos na discussão do Projeto que institui o Museu?

A nova concepção de Museu nos instiga a pensar este espaço em suas mais variadas possibilidades. Fato que não observamos ocorrer em Áurea, pois temos o tempo e o espaço cristalizados, não permitindo viagens mais ousadas e a busca por formar outras e possíveis constelações. Romper com essa inviolabilidade do espaço museológico é o que nos propõe Funari (2013). Para ele, cabe fazer deste espaço um local não de admiração, contemplação e vislumbramento, mas sim, de criação, o que implica reflexão e problematização.

Funari também nos instiga a pensar em uma “inclusão social”, a partir do museu, o qual

[...] serve para a mudança social em direção a relações sociais menos desiguais e excludentes e mais abertas à convivência com o outro. Isso é um objetivo humano universal, [...] A criatividade consiste, também, em permitir que as pessoas se coloquem no lugar do outro e percebam a abominação da exclusão e da opressão social. Os museus podem ter, assim, um papel libertador e cabe a todos que neles militam e os frequentam colaborarem para que isso se generalize. Tarefa nem sempre fácil, mas recompensadora pela liberdade que projeta nas almas. (FUNARI, 2013, p.01).

Fica clara a mudança que o autor almeja na constituição desses espaços, não como instituições que representam a uniformidade das pessoas, dos atos e dos fatos, sem os problematizar, mas sim que estes espaços devem representar as diversidades e pluralidades existentes em todos os aspectos da vida social, econômica e política, apresentando suas contrariedades e rupturas, para elevar o espaço museológico a um local de debate, discussão e problematização das relações humanas, objetivando a emancipação do indivíduo.

Com a contribuição do pensamento do autor, fica mais clara a necessidade de discutir o Museu João Modtkowski objeto deste trabalho. No início da presente unidade, procuramos resgatar como ocorreu o processo de criação e posterior municipalização deste espaço. Cabe agora amparados teoricamente, pensar esse processo a partir da ótica proposta pelo autor acima mencionado.

A perspectiva de conceber o museu a partir da inclusão social, pressupõe o rompimento com a uniformidade, com a imutabilidade dos fatos, atos e visões cristalizadas sobre um determinado evento. Evidenciamos um interesse em transformar este local, denominado Áurea, em um lugar homogêneo, sem apresentar as rupturas e contrariedades, diversidades e possibilidades. Visão que corrobora a antiga concepção de museu, que como tratamos anteriormente, procuravam ser os guardiões de uma memória única, sem atingir o homem comum no seu cotidiano.

Para identificarmos e explicarmos como estão representadas as demais culturas do local, especialmente a indígena, precisamos levar em conta dois elementos importantes. O primeiro oferecido por Funari (2013), que defende a ideia de que o museu deve ser entre outras, a ferramenta que explicita as tensões sociais existentes. Pensar que existe uma homogeneidade coletiva não subtrai a ideia de que no interior desta existem tensões relevantes, pois, para o autor, precisamos conceber esse espaço de memória como deflagrador de inquietações e reflexões. Representar o índio e as demais culturas nesse ambiente seria essencial para que tal objetivo fosse alcançado, mostrando a diversidade e a pluralidade de elementos que enriquecem as relações sociais. Mostrar os diferentes arranjos sociais e os vários discursos existentes colabora para que possamos criar ambientes menos desiguais e com menos discriminação, com isso, rompendo com discursos uníssonos e relações unívocas. O museu, para o autor, precisa ter esse papel provocador, que faça o visitante se colocar no lugar do outro excluído e esquecido, dessa forma sendo colaborador na construção de sociedades menos desiguais e preconceituosas.

Ao abordar as reflexões críticas dos autores sobre o papel que cabe aos museus, novamente buscamos o Museu Municipal, especialmente as palavras de Antonio Jorge, quando questionado sobre as visitas das escolas ao ambiente museológico. O mesmo nos diz que

Praticamente todo ano as escolas fazem visitas e são visitas agendadas são visitas de estudos também que os professores trazem para cá como está no livro de registro e enfim os alunos vêm aqui, contam histórias de objetos, contam todo aquele passado de anos que se perdeu que às vezes como os pais contaram para eles, e eles vem nos contar essas histórias, acho, que é muito interessante esse convívio com as escolas.³⁴

Torna-se difícil criar um ambiente de estranhamento, quando se incentiva e se solidifica uma visão. Se no Museu os alunos evidenciassem elementos de outros grupos também constituintes de seu município, especialmente o índio, o museu em questão iria ao encontro das aspirações da nova museologia, como vimos com Funari. Mas o que encontramos é um ambiente onde os discursos não destoam, os alunos não são desafiados a formular outras e mais ousadas possibilidades de constituição da identidade do município, ou seja, o Museu não oferece possibilidades de problematização.

O segundo elemento nos faz pensar sob outro viés, por mais que a nova concepção de museu intente definir este espaço como mais democrático e plural, não podemos perder de vista que a constituição, bem como, seu uso, não são acontecimentos neutros e sem disputas. Segundo Mário Chagas:

É preciso dizer também que assim como um determinado conjunto matemático é regido por lei específica, assim também o patrimônio cultural se constitui a partir da atribuição de valores, funções e significados aos elementos que o compõem. O reconhecimento de que o patrimônio cultural não é um dado, mas uma construção que resulta de um processo de atribuição de significados e sentidos permite avançar em direção à sua dimensão política, econômica e social; permite compreendê-lo como espaço de disputa e luta, como campo discursivo sujeito aos mais diferentes usos e submetido aos mais diferentes interesses. (CHAGAS, 2005, p. 02).

Temos duas situações importantes diante de nós, a busca e/ou deslocamento destes empreendimentos para o todo da população, mas também diagnosticar que desde a constituição até seu uso o museu está permeado de poder. O Museu precisa, necessariamente, atingir o “homem da calçada”, ou seja, a população interagindo com o espaço museológico.

³⁴ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 05.

Mas não podemos perder de vista a dimensão apontada por Chagas, o poder interferindo no que pode ser mostrado e no que deve ser abolido. Quando pensamos Áurea sob este viés temos ingredientes importantes que contribuem para que o poder se faça mais explícito. Em outras palavras, toda a construção dessa identidade, dessa memória, pode ser mostrada a partir de duas perspectivas.

A primeira e certamente a mais evidente é o caráter seletivo da memória, imposto pela cultura polonesa, fato mostrado de forma muito forte no museu ora discutido. Se existem seleções que norteiam essas escolhas, elas não são aleatórias, mas específicas, com o intuito de reforçar uma memória. Temos uma população que é majoritariamente polonesa, mas segundo discutimos anteriormente tal fator não pode escamotear ou marginalizar outros povos, mas ao contrário, apresentá-los para uma melhor discussão sobre a constituição do lugar.

A entrevista do senhor Artêmio nos comprova essa seleção operada no âmbito municipal, quando perguntado do objetivo da criação do museu, o mesmo nos diz que

O objetivo de resgatar a história, a cultura polonesa, a culinária, a música, o canto também, que tava se perdendo no tempo, no espaço, daí foi uma forma de conseguir resgatar através da criação do Museu e da Braspol. Hoje nós temos aula polonesa, a gente tem Áurea capital polonesa do Brasil, nós temos os programas radiofônicos da rádio Gaurama e rádio Polska, também, foi tudo em função da criação do Museu e da Braspol.³⁵

Não evidenciamos nenhuma preocupação com o resgate de outras etnias, somente o medo do esquecimento da tradição e dos costumes poloneses. Existe uma seleção em tudo que se deve preservar, quer seja, a cultura, o canto, a culinária, entre outros elementos que proporcionam um olhar homogêneo, daquilo que se quer mostrar. Porém o que desejamos enfatizar é que a memória é uma construção ativa, dinâmica, nunca uma repetição do passado. Tais construções de pertencimento a determinado grupo social produz, induz e reforça lembranças, gerando conseqüentemente uma memória social. Podemos dizer ainda que ocorre um processo de diferenciação entre os grupos, que acabam reforçando a consciência de pertencimento, o qual contribui para a criação de identidade.

O segundo elemento que manifesta a presença do poder no percurso de constituição, bem como, o processo de conservação que ocorre no museu, trata-se da ação do governo municipal. Este, antes de municipalizar o espaço, designa um funcionário para trabalhar no

³⁵ MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 02.

Museu, mesmo sendo uma instituição privada do grupo Braspol. São cada vez maiores os interesses demonstrados pelo Executivo Municipal em, aos poucos, transformar este espaço de memória, em uma alavanca no processo de construção da identidade.

Vemos um poder público ansioso em mostrar a região como um reduto polonês, e isso nos leva a pensar na constituição dos lugares de memória coletiva e na sua historicidade, ou seja,

[...] não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória. (LE GOFF, 2003, p. 467).

Portanto, além de constatar que a memória está permeada de disputas e conflitos, devemos perceber que a própria constituição destes “lugares de memória”, está intrinsecamente ligada aos usos da memória ali presente. Ou ainda, a criação destes espaços para servir aos interesses de determinados grupos. Tal fato nos provoca a pensar a memória como elemento que fomenta a identidade, pois amparados ainda no mesmo autor podemos dizer que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469). Dessa forma a memória é fator central na constituição e/ou formação da identidade.

Pensar nos verdadeiros lugares de memória, em Áurea, nos leva irremediavelmente ao grupo Braspol e ao Poder Executivo Municipal. Nesse momento a discussão que enunciamos anteriormente ganha maior sentido, uma vez que buscamos os criadores da memória coletiva, os quais ofuscam ou deixam a margem outras etnias locais. Como excluir deste espaço de memória a identidade indígena, sendo esta a primeira manifestação humana na região e no país.

Analisar o processo de colonização, sob o viés de que este não era um espaço vazio demograficamente, certamente se torna parte central do todo a ser preservado. Provocar o olhar, ou em outras palavras, superar a ideia de enxergarmos somente o que queremos ver. Enxergar e reconhecer o indígena e suas especificidades vem ao encontro das aspirações propostas por Funari (2013), ou seja, que os museus possam revelar as tensões sociais existentes, bem como, toda diversidade pela qual as sociedades são compostas, dessa forma

criando ambientes menos excludentes e abertos a convivência com o “outro”, sem com isso, minimizar a “edílica” colonização polonesa na região de Áurea com seus fatos e feitos.

Ana Cláudia Fonseca Brefe (2007) pensa o museu a partir de “[...] sua importância cultural e seu papel social e político em uma dada época e sociedade, explicitando quais são suas correspondências com a elaboração de legitimidades intelectuais e questionando a revalorização, pelo presente, de determinadas heranças do passado” (BREFE, 2007, p.36). Novamente vislumbramos a exigência de questionamento e problematização quando tomamos por objeto de estudo o museu.

Reforçando a questão do poder é imprescindível,

Reconhecer a inseparabilidade entre memória e poder, entre preservação e poder, implica a aceitação de que esse é um terreno de litígio e implica também a consciência de que o poder não é apenas repressor e castrador, é também semeador e promotor de memórias e esquecimentos, de preservações e destruições. (CHAGAS, 2005, p.03).

Diante desse quadro, evidenciamos que a memória não é algo construído de forma harmônica ou sem conflitos e disputas, mas que se trata de uma construção onde, mesmo que veladamente, existem mediações que acabam por manifestar as relações de poder que priorizam ou secundarizam identidades e memórias.

Chagas sintetiza muito bem essa relação que procuramos apresentar, a intrínseca ligação entre a memória e o poder, este não somente visto como repressor, mas o grande semeador de memórias, e principalmente de destruições. No caso de Áurea não identificamos, por mais tímida que fosse, a possibilidade de semear e promover outras memórias. Constatamos a castração total de toda e qualquer chance de mostrar a realidade local, sob outra lente, que não seja a oficial e a do grupo Braspol, outra realidade pautada na tolerância, na diversidade, no privilégio de ser plural.

Ao se apropriar da memória coletiva a etnia polonesa fomenta memórias e esquecimentos, bem como, do que deve ser apresentado no acervo municipal e o que deve ser destruído ou esquecido. Não visualizamos este espaço como sendo dinâmico, heterogêneo, mas como algo estático, congelado no tempo sob o domínio do grupo polonês. De acordo com as entrevistas neste espaço de memória ocorrem os encontros do grupo Braspol. Ainda tomando por base os relatos dos entrevistados, a função do Museu

[...] é resgatar um pouquinho daquilo que o município foi um pouquinho daquilo que o município é, resgatar a cultura, resgatar a religião, resgatar aqueles costumes que estão sendo esquecidos com o passar do tempo. Por que a gente vê que com o tempo

muitas coisas acabam se perdendo e se não tiver um museu, não tiver alguma coisa que resgate que mantenha viva essa cultura, com o tempo acaba se perdendo.³⁶

Verificamos que existe uma única preocupação a partir do Museu, que é a preservação dos costumes dos colonizadores, com o medo de que os mesmos possam ser esquecidos. Porém discutimos anteriormente que a memória é dinâmica, ou seja, que ao longo do tempo podem ocorrer rearranjos, reconfigurações e reformulações nas memórias e conseqüentemente nas identidades. Devido à identificação com determinado grupo, ou não, podem ocorrer deslocamentos e o surgimento de novas identidades, mais democráticas e plurais, onde o índio possa ser vislumbrado, na cidade que detém o título de Capital Polonesa dos Brasileiros, como elemento formador e pertencente à história deste município. Podemos ser mais ousados e pensar no índio como um dentre os vários grupos constituintes da história e identidade local.

Refletindo sobre os usos da memória coletiva construída e preservada em Áurea e a legitimação que tal memória encontra no espaço museológico, como afirma Le Goff, no sentido de que “a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder” (2003, p.470) devemos pensar o surgimento de um espaço de preservação da memória também sob esta ótica, quer seja, como lugar de poder e legitimação.

Percebemos que existem mecanismos que estimulam e exercem influência na relação entre o que conservar e o que esquecer. Com isso também observamos uma influência sobre qual o passado que deve ser lembrado, ou até mesmo o que deve ser revisitado, pois existe uma seleção entre o que é exposto e o que é silenciado e ocultado. Identificamos um processo de escamoteamento de outras culturas, entre elas a italiana, a alemã e a negra, constituintes da história local. O poder e a seleção desempenham seu trabalho também com essas culturas, que acabam sendo deixadas a margem do processo de construção da memória local.

No museu constatamos o não dito, o esquecimento e o silêncio oficial, sobre a presença indígena, indícios que apontam para todo um processo de exclusão social e histórica sofrida pelos indígenas ao longo da história brasileira, que acaba sendo reforçada em Áurea. Dessa forma os inscrevemos dentro do espaço das memórias subterrâneas impedindo ou impossibilitando que a sua memória e sua identidade possam estar num mesmo patamar de evidência que as outras. Porém, o não esclarecimento dessas questões, através do reconhecimento desse passado, contribui para a construção de argumentações que negam os acontecimentos e a presença indígena neste espaço.

³⁶ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 05.

Abordaremos no capítulo seguinte de forma mais ampla a presença indígena em Áurea, bem como, as várias formas em que o esquecimento pode ser invocado, quer seja, como reforço de uma identidade ou a sua completa marginalização e exclusão. Encarar o passado de frente requer romper com a postura de anestesiamento, de aceitação, de conciliação com um passado que é apresentado no Museu, para que possam ser produzidas identidades razoáveis³⁷, evidenciando as demais culturas, na construção da memória e identidade do município.

Quando afirmamos que a memória é geradora de identidade de um grupo, evidenciamos que existem laços indissociáveis que se entrecruzam entre as mesmas. Portanto, se reforçam mutuamente, estando inseparavelmente ligadas. Porém segundo Joël Candau, “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade [...]. De fato o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos.” (CANDAU, 2012, p.18). Verificamos que, como discutíamos, a memória funda e/ou reforça uma identidade, mas também ao mesmo tempo, este jogo propicia o esquecimento deixando a margem e destruindo outras identidades.

Também é possível afirmar que, a exemplo da memória

[...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais -, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias -, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas. (CANDAU, 2012, p.27).

Esse processo é, portanto dinâmico, flexível, móvel, de inclusão e exclusão de diferentes atores sociais, os quais colocam em ação estratégias de designação e atribuição de características e valores correspondentes a sua identidade e/ou etnia que se quer vincular. Porém, essas significações próprias também podem ser geradoras de diferenças e porque não dizer de fronteiras, criando um “nós” diferente dos “outros”. Temos duas características importantes em questão, a primeira positiva que permite que essa identidade possa se reconstruir a partir de uma reinterpretação, possibilitando com isso um diálogo maior entre

³⁷ Conforme Luís Fernando Cerri (2011) no livro *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*, em síntese a construção de identidades razoáveis diz respeito a levar em consideração o outro e sua alteridade, dando primazia ao diálogo nas relações tanto pessoais quanto coletivas, aceitando a existência da contrariedade.

diferentes grupos. Outro ponto, porém, é negativo quando se criam “guetos” identitários, menosprezando, discriminando e excluindo quem não se identifica com o mesmo.

Ao falar de lugares de memória Pierre Nora, defende que “toda dinâmica de nossa relação com o passado reside nesse jogo sutil do impenetrável e do abolido” (NORA, 1993, p. 19). Torna-se cada vez mais explícito que existe uma relação intrínseca entre memória e poder, entre o que deve ser exposto e lembrado e aquilo que deve ser esquecido.

Segundo Zita Rosane Possamai,

[...] é válido dizer que nos arquivos, museus, monumentos, memoriais e prédios históricos encontra-se não a memória de um grupo, cidade ou nação, mas como uma determinada memória foi construída pelos atores sociais daquele grupo, cidade ou nação e adquiriu legitimação ao longo dos anos. (POSSAMAI, 2000, p.26).

Constatamos e compartilhamos do desejo incessante da história em compreender como ocorreu esse processo de construção da memória, quais culturas estão representadas nesses lugares, e quantas estão silenciadas e/ou marginalizadas. Com Possamai constatamos que nos museus não encontramos a memória de um grupo, mas como esta foi construída. Retornando a discussão anterior de como ocorreu o processo de formação do museu, e amparados no pensamento da autora, torna-se concreta a presença do poder e o processo de legitimação e construção da identidade que o espaço de memória oferece. Este calcado na construção de uma identidade polonesa, construída a partir de sua relação com o trabalho (desbravador) e a religiosidade (fé).

Não podemos perder de vista que a identidade comunga praticamente do mesmo destino da memória, especialmente no que diz respeito ao seu papel de se reconstruir, se reconfigurar, quando em contato com outras identidades. Este é o caminho plausível que deve nortear as exposições museológicas, o contato com o outro que permita a reinterpretação de sua própria identidade, gerando noção de pertencimento, com isso, desencadeando um processo de relações sociais menos desiguais e mais humanas, minimizando dessa forma, a discriminação e o preconceito.

Criar espaços questionadores e provocativos dentro do museu também nos condiciona a pensar com Roger Chartier que os agentes sociais estão continuamente empenhados na elaboração de identidades e distinções simbólicas, as quais têm por objetivo legitimação. Portanto para o autor

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma

autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p.17).

Percebemos no espaço museológico de Áurea, o desejo de eternizar obras e culturas, como dissemos anteriormente criar uma história e identidade únicas. Mas precisamos como historiadores apresentar outros desdobramentos e elementos presentes nesse ambiente, para com isso produzir outra história possível, que possa levar em consideração, a presença de todos os grupos envolvidos, rompendo com a visão hegemônica e idílica construída a partir da memória preservada e exposta neste ambiente.

Constatamos uma ânsia em preservar, sob o tormento de tudo esquecer, mas quando falamos em esquecimento devemos partir da premissa de que o mesmo se constitui a partir de duas perspectivas extremamente distintas. A primeira vem ao encontro do que discutimos anteriormente, quer seja o preservar sob o medo constante de perder elementos considerados importantes da cultura, em outras palavras, o perigo do município perder sua memória e sua identidade. A segunda perspectiva vem em sentido contrário, o esquecimento visto como apagamento, soterramento de outras culturas, na discussão em face, o esquecimento das demais culturas, especialmente o índio e sua presença em Áurea.

4 CAPÍTULO III - ÍNDIO: AUSÊNCIA E ESQUECIMENTO

Entre os silêncios, os “não ditos” e esquecimentos, podemos refletir sobre estes, como uma opção de restringir certos fatos ou informações, mas também podemos pensá-los como uma ação deliberada de ocultamento. Quando pesquisamos o Museu João Modtkowski e o seu acervo a segunda afirmação nos parece mais plausível.

Ao falarmos do Museu João Modtkowski é importante fazermos uma análise mais ampla a respeito do acervo presente neste espaço museológico. Como já mencionado seu acervo é formado basicamente pela cultura polonesa, esta representada por meio de dois eixos principais: o trabalho e a religiosidade. No acervo verificamos uma quantidade muito grande de objetos e equipamentos ligados ao trabalho, este apresentado a partir de utensílios e ferramentas agrícolas, como por exemplo, serrote, machadinho, arado, enxada, entre outros (conforme Anexo A), doados por imigrantes poloneses ou seus descendentes.

Tais equipamentos são provenientes de diferentes proprietários, sendo estes sempre poloneses ou de seus descendentes, como pode se verificar por meio das etiquetas nos objetos e no livro tomo. Fato confirmado com a entrevista de senhor Artemio Adão Modtkowski, quando questionado sobre quais etnias o Museu representa o mesmo é enfático ao dizer que “a maioria polonesa, tem também objetos de outras etnias [...] mas o objetivo principal é o polonês³⁸”.

Temos exposto no Museu uma série significativa de objetos que remetem ao trabalho diário, especialmente as tarefas executadas de forma manual. Porém estes objetos ganham o discurso de apresentar a cultura polonesa no momento que passam a ser expostas, deixando de ser ferramenta para ser representação de algo, no caso de Áurea estes utensílios ganham tal significação a partir da descrição das etiquetas, ou seja, de quem os doou, pois os mesmos são ferramentas de trabalho de uso comum, tendo a mesma função se estivessem em um museu italiano, alemão, entre outros, o de representar o trabalho. O Museu João Modtkowski se apropria dos objetos expostos para representar o trabalho, que como vimos pode ser atinente a qualquer etnia, mas que neste espaço museológico ganha significação seu vínculo com o polonês, como podemos confirmar com a etiqueta explicando a procedência do serrote exposto no Museu, destacando como sendo do imigrante polonês João Szklarczyk, “utilizada na construção de casas e fabrico de móveis”.

³⁸ MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 05.

Ainda relacionado ao trabalho, o mesmo entrevistado comenta que o objetivo principal do acervo exposto é retratar a “história dos nossos antepassados [...]. Também uma maneira de mostrar como era na época, como se trabalhava na época [...]”³⁹. Dessa forma, podemos estabelecer relação entre o que é exposto e o que é possível identificar na entrevista, ou seja, uma quantidade muito grande de objetos que remetem ao trabalho este apresentado essencialmente da chegada dos primeiros imigrantes poloneses em 1911. Quando tratamos do trabalho, é importante mencionar que, segundo Wenczenovicz “o imigrante polonês procedia de uma realidade diferenciada do meio rural e urbano. Em geral, vivia em seu habitat rural [...]” (WENCZENOVICZ, 2010, p. 27). O perfil dos imigrantes que chegaram a Áurea é de pessoas ligadas basicamente a agricultura, porém de uma realidade diferente da que encontrou, pois na Europa já possuía contato com técnicas mais desenvolvidas de cultivo da terra.

Ao refletir acerca da maneira como o entrevistado vislumbra o Museu e sua exposição, imediatamente somos levados a pensar nos museus que objetivavam a mera contemplação dos objetos, não tendo a finalidade de problematização e de reflexão, ou seja, a nova proposta da museologia. Dessa forma, percebemos que o Museu ao que parece não acompanhou o deslocamento sobre o qual falamos anteriormente proposto por Funari (2013). Em Áurea a exposição do acervo tem a função de ser meramente contemplativa, sem provocações.

Outro elemento presente de maneira forte no Museu João Modtkowski é a questão religiosa, trabalhada como constitutiva da identidade polonesa. Esta religiosidade está expressa por meio de objetos como, por exemplo, o cálice, o cibório, o candelabro, o crucifixo, as capelinhas, entre outros objetos (conforme Anexo B), todos doados pela Paróquia Nossa Senhora do Monte Claro de Áurea. Como vimos no início do presente trabalho existe uma relação muito forte entre a igreja católica e a cultura polonesa. É perceptível uma correlação de forças no sentido de auto preservação tanto de uma como de outra uma vez que houve uma proliferação de outras igrejas, minimizando a hegemonia católica. Mas no espaço museológico em questão, ainda não percebemos a presença ou a problematização com relação a outras instituições religiosas, mantendo-se assim a ideia de que o polonês era ou é essencialmente católico. Problematização esta que, se não expressa em objetos, poderia se dar na forma de textos explicativos, ou mesmo pela forma de organização do acervo exposto. Porém, tendo-se por base a visita sem monitores, esse questionamento

³⁹ MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 05.

acerca da religiosidade dificilmente é provocado. Conforme vimos no primeiro capítulo a fé é vista como uma espécie de insígnia dos descendentes poloneses, mantendo estes estreitos laços com a religiosidade católica. Dessa forma, a construção de uma memória polonesa pelo Museu não significa que, necessariamente toda comunidade aureense se identifique com ela, tendo como exemplo a ênfase na religião católica, pois existem outras instituições e crenças religiosas.

Importante fazer um questionamento, se Áurea consegue o Título de Capital Polonesa dos Brasileiros através de sua homogeneidade étnica, representada através do trabalho e do catolicismo, como ficam os descendentes de poloneses que não compartilham da mesma religião? O Museu procura eternizar cenas e momentos dos primeiros imigrantes, sem margem a novas relações ou novos arranjos sociais, ou seja, o polonês não precisa ser necessariamente católico. Percebemos dessa forma, a ausência no Museu de elementos e objetos provocativos neste aspecto, os quais pudessem levar o visitante à reflexão e a problematização, pontos essenciais da nova museologia, provocando estranhamentos que possam propiciar discussões, bem como, que o visitante perceba as relações de poder presentes neste ambiente de memória.

O que podemos constatar em Áurea é a representação de uma identidade, a qual Pierre Nora define como uma

Memória – espelho, dir-se-ia, se os espelhos não refletissem a própria imagem quando ao contrário, é a diferença que procuramos aí descobrir, e no espetáculo dessa diferença o brilhar repentino de uma identidade impossível de ser encontrada. Não mais uma gênese, mas o deciframento do que somos a luz do que não somos mais. (NORA, 1993, p. 20).

Como verificamos o Museu busca uma memória que represente a gênese da identidade polonesa no município, porém Nora, alerta que a constituição dessa “memória espelho”, tem por princípio não uma imagem fiel do que foi a colonização, pois o próprio espelho reflete uma imagem ao contrário. Com isso, esse processo incessante de busca deve obrigatoriamente levar em conta a impossibilidade de encontrar a identidade na sua essência, mas somente a representação que determinado grupo faz de si. Ou como Nora propõe, somente o “deciframento” de algo que não mais existe.

Podemos fazer uma breve reflexão a partir do exposto acima, ou seja, a consciência de que o que temos nos museus são representações, construções de um algo inacessível, o qual não pode ser retratado como “verdadeiro”, mas como a imagem que um grupo faz de sua própria identidade. Dessa forma, o Museu deve levar à problematização e à reflexão. Mas

situa-se aqui uma discussão já feita no presente trabalho, que é o deslocamento, a ressignificação que ocorre na própria concepção de museu no século XX, especialmente na década de setenta. Estes conforme José do Nascimento Júnior e Mário Chagas

[...] não são apenas casas que guardam marcas do passado, são territórios muito mais complexos, são práticas sociais que se desenvolvem no presente e que estão envolvidas com criação, comunicação, afirmação de identidades, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais. (JÚNIOR, CHAGAS, 2006, p.12).

Temos um espaço de memória no município de Áurea que não acompanhou este movimento de reflexão acerca dos museus, pois o que vemos neste local retratar são marcas indeléveis e estáticas do passado, sem o objetivo de transformar este local em prática social mais complexa que contribua na afirmação de identidades. O Museu ao trabalhar com a noção de multiplicidade proposta pela nova concepção de museologia, se torna um local mais democrático e plural, mas principalmente, gerador de debates e reflexões acerca do seu acervo, rompendo dessa forma com a passividade e a contemplação.

Para tanto precisamos primeiramente identificar que o Museu está permeado de discursos, ou seja,

Compreender esse discurso, composto de som e silêncio, de cheio e vazio, de presença e ausência, de lembrança e esquecimento, implica a operação não apenas com o enunciado da fala e suas lacunas, mas também a compreensão daquilo que faz falar, de quem fala e do lugar de onde se fala. (CHAGAS, 2002, p.43).

Chegamos ao elemento evocado no início do capítulo, a questão do esquecimento, mas para isso Chagas (2002) nos provoca a pensar este local a partir de várias possibilidades, ou seja, identificar não somente as presenças, como já fizemos anteriormente, mas sim, encontrar as lacunas, os vazios, enfim os esquecimentos, procurando compreendê-los a partir dos lugares de onde emergem os discursos e de quem são seus enunciadorees. Podemos pensar isso sem recorrer a outras culturas, mas partindo da cultura polonesa, evidenciar que vários elementos de sua identidade e cultura são silenciados no Museu.

Não encontramos elementos que remetam, por exemplo, as doenças, a infância, a morte, a questão de gênero ou a própria sexualidade dos descendentes poloneses. São escolhas que ocorrem num determinado grupo de quais elementos serão os responsáveis por representar sua identidade e sua memória. Essas seleções também ocorrem quando temos outras culturas envolvidas, conforme Chagas (2005) o poder promove e constrói memórias.

O Museu Municipal João Modtkowski está, como outros tantos, permeado de ausências, mas dentre estas pretendemos centrar nossa discussão na indígena. Como já vimos à presença indígena remonta a milhares de anos, antes mesmo da vinda dos primeiros imigrantes para a região hoje conhecida como Áurea, esta já era povoada por indígenas. Conforme Joel João Carini

A mata do sertão do Alto Uruguai constituía-se em habitat dos povos caingangue e guarani desde tempos imemoriais e representava para eles fonte indispensável de recursos necessários à sobrevivência. Entretanto, para os governos nacional e estadual, tanto a mata quanto os povos nativos, seus ocupantes, constituíram-se em entulhos a serem removidos visando facilitar a ocupação. (CARINI, 2005, p. 139).

A presença indígena está comprovada por meio da arqueologia e das bibliografias acerca do tema, como por exemplo, Carini (2005), o qual apresenta as matas do Alto Uruguai como habitat de alguns grupos indígenas, mas também apresenta indícios de que estes eram “empecilhos” para a colonização e ocupação. Porém, percebemos um silenciamento quanto à presença destes no período de ocupação e colonização do município. Temos uma história oficial que destaca a imigração polonesa em detrimento das demais, ou seja, da italiana, da alemã e da africana. Mas de modo especial, existe a omissão, o silêncio e o esquecimento do componente indígena como elemento formador e constituinte da história local.

Quando se trata do esquecimento é importante ressaltar que este pode ser abordado sob duas possibilidades, a primeira a partir do medo da perda, ou seja, lembrar pela ameaça do esquecimento; e a segunda sob o viés da exclusão, do soterramento das demais culturas. Chagas nos diz que o esquecimento pode ser entendido

[...] através de uma espécie de argumento tautológico trata-se frequentemente de justificar a preservação pela iminência da perda e a memória pela ameaça do esquecimento, com isso deixa-se de considerar que o jogo e as regras do jogo entre esquecimento e memória não são alimentados por eles mesmos e que a preservação e a destruição não se opõem num duelo mortal, complementam-se e sempre estão ao serviço de sujeitos que se constroem e são construídos através de práticas sociais. (CHAGAS, 2002, p. 44).

Novamente somos levados e reconhecer a presença do poder entre o que preservar e o que destruir, porém ficando explícito que tais escolhas não são aleatórias, mas executadas a partir de práticas sociais a serviço de determinados sujeitos. Tal fato pode ser identificado em Áurea, pois a grande justificativa para preservar a cultura polonesa reside no medo da perda.

Essa escolha não leva em consideração somente esta prerrogativa, mas também fica evidente o interesse em marginalizar, escamotear as demais culturas, entre elas a indígena.

Podemos ilustrar tal constatação referente ao medo de perder a memória e a identidade a partir das entrevistas. Antonio Jorge Slussarek, quando questionado sobre que culturas o Museu representa, evidencia uma contradição, pois segundo o entrevistado

[...] o museu ele tem que representar todas as culturas as mais diversas culturas por que no momento em que tem um museu e vai trabalhar só com uma cultura, na verdade perde a característica. Então o museu tem que representar todas as culturas claro que o nosso aqui esta focando o lado mais da cultura polonesa [...]⁴⁰.

Percebemos o reconhecimento de que o Museu deve representar todas as culturas presentes em determinado local, mas também evidenciamos no próprio relato que o Museu, objeto deste trabalho, promove explícitas seleções. O espaço museológico de Áurea prioriza a cultura polonesa, mas isso não ocorre de maneira involuntária, temos indícios de que estes atos são voluntários, que através da manipulação da memória, promovem a identidade pautada na homogeneidade étnica, como se existissem somente poloneses neste município.

Nesse sentido Paul Ricoeur nos ajuda a pensar não somente o esquecimento, mas pensar a “memória manipulada”, a qual para o autor surge dos esforços pela promoção de uma identidade construída sobre crenças e recusas da visão do “outro”, este visto como fonte de infelicidade ou de perigo, ou como o próprio autor refere, “ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro.” (RICOEUR, 2007, p. 459). Dessa forma evidenciamos o caráter seletivo da memória, apresentando uma cultura e uma narrativa em prejuízo das outras. É justamente essa função seletiva proporcionada pela narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de esquecimento ou de rememoração.

Diante dessa seleção que acaba se configurando em manipulação Ricoeur nos diz ainda que

[...] pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de refiguração narrativa desde a constituição da identidade pessoal até a das identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial. O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja. Está em

⁴⁰ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 06.

ação aqui uma forma artilosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos. (RICOEUR, 2007, p.455).

Percebemos a influência que exerce a manipulação da memória na constituição da identidade de um local, em se tratando dos museus, a narrativa que perpassa a formação desses espaços de memória. Espaços estes carregados de uma história dita oficial, que seleciona, que impõe e celebra o que ela mesma define e escolhe, restringindo o poder dos atores sociais narrarem a si mesmos. O problema aumenta quando aliada a história oficial, a memória de um grupo majoritário se impõe como uma narrativa canônica ou única.

A partir da entrevista de Antonio Jorge, verificamos com maior veemência uma história cristalizada em Áurea. Quando questionado sobre o que o Museu João Modtkowski transmite ao visitante, o entrevistado responde que este espaço de memória deve possibilitar que “[...] as pessoas possam visualizar, vislumbrar um pouquinho do que foi o início da colonização e o que o município é hoje. Das transformações que aconteceram e daquilo que o povo polonês sofreu [...]”⁴¹. Constatamos uma visão que, por um lado enobrece o polonês desbravador, porém devemos lembrar que todos os “sofrimentos” e “dificuldades” narrados na colonização de Áurea, não são exclusividade do povo polonês, mas sim da maioria dos imigrantes das mais variadas etnias que aqui chegaram, bem como, as que chegaram aos mais diferentes lugares do estado e do país. Por outro lado, trata-se de um discurso que não abre espaço para o outro, não reconhecendo a presença deste nem no espaço geográfico e tampouco no espaço de memória, algo que se torna mais evidente quando relacionado ao índio.

Entretanto, mesmo diante desse discurso, constatamos que a presença destes povos no município de Áurea foi apontada quando da municipalização do Museu, pois entre as várias justificativas existentes para a sua constituição há o argumento de que este também representaria a cultura indígena.

Buscamos através das entrevistas verificar a percepção dos entrevistados quanto a presença de vestígios indígenas na região, bem como, se estão expostos no acervo do Museu Municipal João Modtkowski. Conforme o entrevistado, senhor Artêmio, existem utensílios e objetos tais como, “algumas pontas de flechas, tem flecha, têm as panelas, *os cacos*”⁴², pedaços

⁴¹ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 06.

⁴² Grifo nosso.

de panela quebrada de barro⁴³”. Constatamos, portanto, que o diretor do Museu tem conhecimento destes objetos, porém examinando as peças do acervo em exposição não encontramos nenhum destes. Fato que somado a informação de que o Museu não possui reserva técnica⁴⁴, nos leva a concluir que existe uma contradição entre o discurso e a efetiva exposição destes objetos. Podemos ainda, a partir da entrevista, analisar a forma como são tratados os artefatos ou objetos indígenas, ou seja, como “cacos”. Dessa maneira, compreender que a exposição do acervo vincula-se a um tipo de discurso, ou seja, ao dar maior visibilidade a determinado acervo o que se faz é afirmar ou confirmar uma certa identidade e memória.

O entrevistado Antônio Jorge reforça a contradição enunciada por Artêmio, e nos apresenta outra, a qual julgamos ainda mais instigante. Quando perguntado sobre a existência de objetos indígenas o mesmo responde que: “existem alguns utensílios indígenas aqui, que estão expostos, não são muitos por que a região não tem uma forte colonização de indígenas, mas alguns utensílios vieram de fora do município, não são aqui do município e que estão expostos aqui⁴⁵”. As contradições tornam-se cada vez mais relevantes, e precisam de um olhar mais atento as entrevistas acima mencionadas.

O diretor do Museu confirma a presença de objetos indígenas no Museu João Modtkowski, fato reiterado também pelo funcionário da instituição, mas este acrescenta um elemento novo, quer seja, os objetos não são oriundos do município. Existe um explícito interesse em não admitir ou reconhecer a presença indígena no espaço em que se constitui o município de Áurea, reafirmando o que havíamos discutido, de que a memória está atrelada ao poder, ou conforme Chagas esta relação entre memória e poder tem sempre um caráter seletivo o qual “[...] deveria ser suficiente para indicar as suas articulações com os dispositivos de poder. São essas articulações e a forma como elas atravessam e utilizam determinadas sobrevivências, representações ou reconstruções do passado [...]”. (CHAGAS, 2002, p.44).

⁴³ MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 05.

⁴⁴ Conforme Antonio Mirabile (2010) as reservas, assim como os espaços de exposição, são partes do museu e não devem ser consideradas como espaço secundário. Tem a função de “responder as exigências da conservação, limitando e antecipando os riscos de degradação, substituindo-se por condições favoráveis da conservação; facilitar o acesso às coleções, a fim de favorecer o estudo e a difusão dos bens culturais e permitir a movimentação das coleções, garantindo a preservação e a segurança dos bens culturais.” (MIRABILE, 2010, p.05).

⁴⁵ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski” . p. 06.

Em meio ao surgimento dos mais variados discursos e contradições, se faz necessário trazer à reflexão a obra já mencionada de Pedro Martim Kokuszka (2000), “Nos rastros dos Imigrantes Poloneses”, que dedica um capítulo para discorrer sobre o Museu Municipal, denominando este como sendo “[...] dos poloneses de Áurea” (KOKUSZKA, 2000, p. 348). Constatamos o autor tecendo uma série de adjetivos ao Museu como “magnífico, grandioso e espetacular”, por representar e guardar o que ele considera o “cerne” da história dos imigrantes poloneses. Entretanto, mesmo se tratando da história dos poloneses em Áurea, nada impede que o Museu pudesse abordar expograficamente o contato do polonês com o indígena. Lemos na Lei que “a criação e implantação do Museu Municipal João Modtkowski será um acervo específico da história da colonização do Município de Áurea, preservando a memória cultural do município⁴⁶.” Somente analisando fragmentos da Lei verificamos contradições entre esta e a escrita do autor. Pois quando constatamos que o referido local vai agregar um acervo da colonização devemos levar em conta que a mesma não foi realizada somente por poloneses, mas que segundo a autora e estudiosa da cultura polonesa e também de Áurea, Thaís Janaína Wenczenovicz (2002) a colonização se deu por poloneses, alemães, italianos e negros, sem esquecer os que aqui viviam os índios, ignorados e marginalizados no espaço que deveria apresentar sua cultura.

Ainda discordando de Kokuszka (2000), verificamos na justificativa de ampliação e municipalização do Museu, realizada em 1995, que este espaço deve “preservar os costumes étnicos, agrícolas e sociais da colonização predominantemente polonesa, mas com contribuições do italiano, alemão e índio⁴⁷.” A justificativa, já abordada quando tratamos da constituição do Museu, traz um elemento novo, importante para a discussão, que é o índio. Raríssimas vezes citado na elaboração dos projetos e justificativas e em nenhum momento mencionados pelo autor citado quando relata a importância do Museu.

Porém em outra obra “Áurea Primórdios” (2006), do mesmo autor, encontramos referência feita à presença de índios quando da chegada dos primeiros imigrantes. Fato mais instigante ainda é que Kokuszka escreve e apresenta fotos de artefatos, tais como pontas de flechas e fragmentos de cerâmica, que comprovam através de tal materialidade a presença indígena na região conhecida como Treze de Maio, hoje município de Áurea. Elemento essencial para a atual discussão e que desconstrói o argumento utilizado por Antônio Jorge na entrevista, ou seja, da não existência de indígenas e/ou seus objetos nessa região, ficando

⁴⁶ Lei Municipal 415/95.

⁴⁷ Projeto de Lei Municipal 22/95.

evidente o ocultamento de tal informação, e por que não dizer da identidade indígena de um município que se diz “polonês” na sua essência.

Verificamos a partir da análise das duas obras citadas acima, produzidas pelo mesmo autor, e com exemplares no Museu, que existe uma contradição importante e interessante entre o que é escrito, mas principalmente sobre o que deve ser exposto no Museu; tendo o cuidado de manter resguardadas certas identidades como fundamentais para o processo de colonização da região, em contrapartida ofuscando e escamoteando outras.

Quanto mais avançamos na questão referente ao índio, maior é a carga de esquecimento que o espaço museológico do município de Áurea proporciona, uma vez que os artefatos mencionados por Kokuszka (2006) não se encontram no Museu. Para pensarmos um pouco mais a respeito do esquecimento, nos apoiaremos em Paul Ricoeur (2007), no livro “A memória, a história e o esquecimento”, que faz uma ampla discussão sobre a memória. Conforme o mesmo, “o exercício da memória é o seu uso; ora, o uso comporta a possibilidade do abuso” (RICOEUR, 2007, p.72). Para o autor há, no uso da memória, o caráter inevitavelmente seletivo através da função mediadora da narração, é pelo viés do abuso que o alvo veritativo da memória acaba ameaçado, gerando os abusos de esquecimento. O mesmo autor ainda nos ajuda a pensar e explorar o conceito de esquecimento, este visto como integrante de um processo memorialístico, vinculado à noção de “rastros”, expresso como um dever de não esquecer, dessa forma intrinsecamente ligado à noção de apagamento e de destruição. Para Ricoeur

O esquecimento não oferecerá apenas um redobramento da descrição, em que os mesmos usos da memória se revelariam sob o novo ângulo dos usos do esquecimento; estes últimos trarão consigo uma problemática específica, distribuindo suas manifestações num eixo horizontal dividido entre um pólo passivo e um pólo ativo. (RICOEUR, 2007, p. 427).

Também é perceptível que, nem mesmo o esquecimento é neutro, ou imparcial, mas que está em constante disputa, pois o ato de esquecer e o ato de lembrar estão carregados de uma série de implicações e finalidades no tempo presente. Ricoeur (2007) reitera ainda mais o que vimos anteriormente, ou seja, o esquecimento visto sob duas óticas distintas, a primeira pólo passivo, poderíamos caracterizar como “déficit do trabalho de memória”, como estratégia de evitação, de esquiva, de fuga, de silêncios e de “não ditos”, os quais são opções e/ou imposições visando restringir o acesso à certos fatos ou informações, ou ainda como uma ação deliberada de ocultamento. A segunda, pólo ativo gera uma consciência esclarecida que reconhece que se devia e se podia saber ou pelo menos buscar saber, que se devia e se podia

intervir, dessa forma encontrando o caminho da reconquista pelos diversos atores sociais de sua capacidade de fazer a sua narrativa que seja ao mesmo tempo inteligível, aceitável e responsável. Mas também como intensificação da memória, o medo de tudo esquecer, uma reconstrução ligada às experiências e aos laços afetivos de pertencimento a um determinado coletivo social que produzem, induzem ou reforçam lembranças comuns e em última instância geram uma memória social e uma identidade.

Aplicando-se a perspectiva de Ricoeur (2007) ao caso do Museu Municipal João Modtkowski, com relação à presença do indígena no acervo exposto, comungamos do conceito de esquecimento em sua primeira opção. Pois há indícios de que existe um desejo de silenciamento, de marginalização da presença indígena, elemento que deixaria mais complexo e plural este ambiente que se quer homogêneo, provocando reflexões e problematizações.

A presença indígena na região é indiscutível e Thaís Janaína Wenczenovicz (2007)⁴⁸, amparada em João Weiss⁴⁹ relata a contribuição das vias de circulação mantidas pelos indígenas na região do Alto Uruguai. Para Wenczenovicz

As primeiras vias de comunicação encontradas na região do Alto Uruguai foram feitas pelos nativos, as quais seriam, posteriormente, utilizadas pelos paulistas, pelos missionários, pelos caboclos e, finalmente pela empresa colonizadora. Com o surgimento oficial da Colônia Erechim, esses “caminhos” foram ampliados e multiplicaram-se para que as primeiras linhas e lotes fossem comercializados. Essas primeiras trilhas nas florestas foram denominadas “picadas” descritas por Weiss como caminhos estreitos, cercados de arbustos, com áreas muito íngremes e pedregosas. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 111).

Conforme vimos, as trilhas e caminhos abertos pelos índios contribuíram para o acesso dos imigrantes até os locais de sua instalação, além de serem os primeiros habitantes do lugar, forneceram as primeiras vias de circulação na região, fato que pode ser pensado também em Áurea. Na pesquisa que efetuamos na produção referente ao município, tal dado não aparece em nenhuma das fontes, cabendo o desbravamento do lugar aos imigrantes poloneses. O reconhecimento de uso das vias de circulação utilizada pelos índios acabaria por minimizar a “epopeia” da colonização polonesa em Áurea, tal constatação denota a realidade da memória ser um terreno de litígio e permeada de poder.

Para agruparmos mais elementos aos já expostos e apresentar indícios ainda mais contundentes da presença indígena em Áurea, bem como, o processo de ocultamento que sua

⁴⁸ Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, sob a orientação da Profa. Dra. Núncia Maria Santoro de Constantino.

⁴⁹ WEISS, João. *Colonos na selva*. Emigrantes como agricultores. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1949. p. 31.

presença sofre no município e de modo especial no Museu, voltaremos a nos apoiar em Kokuszka (2006)⁵⁰. O autor e pesquisador local, no capítulo referente aos primeiros habitantes de Áurea aponta a existência destes em solo municipal. Para Kokuszka

A prova da existência dos silvícolas em Áurea fundamenta-se em frequentes achados, pontas de flechas, cerâmica, utensílios, maioria confeccionados em pedra, motivo de perdurarem até os dias de hoje, sendo o testemunho vivo da existência dessas nações em nosso solo.

A materialidade da comprovação da existência vem imputada ao que as pessoas acharam e guardam em seus domicílios ou no respectivo museu. (KOKUSZKA, 2006, p.49).

Entretanto, como já informamos com relação aos objetos expostos no Museu, estes artefatos indígenas não se encontram em exposição. A presença indígena e até mesmo suas contribuições para com os imigrantes como vimos com Wenczenovicz (2007), foram relevantes para o próprio processo de colonização, mas sua presença não é considerada nem mesmo no espaço dedicado, como dizem nossos entrevistados, ao “resgate do passado”, fato que dificulta a construção de outras narrativas, já que o Museu está posto sob a perspectiva de contemplação, e não na proposta de reflexão e discussão, a qual seria muito mais profícua.

A partir do Museu percebemos um dirigir-se ao passado sem nenhuma perspectiva de mudança, o que implica a manutenção da ordem estabelecida, a afirmação de um conjunto de valores étnicos, morais e culturais, restrito a um grupo específico, sendo este o ponto de partida da construção de uma comunidade homogênea. Mas precisamos considerar que a população não é um todo homogêneo, ao contrário, é composta de orientações e interesses múltiplos e muitas vezes conflitantes.

Para Chagas (2002) “[...] o que esta em jogo nos museus é memória e é poder, logo também é perigo. Um dos perigos é o exercício do poder de forma autoritária e destrutiva, outro é a saturação de memória do passado, a saturação de sentido e o conseqüente bloqueio da ação e da vida” (CHAGAS, 2002, p.75). Cremos haver um caráter elucidativo nas palavras de Chagas, sob dois pontos até então abordados. O primeiro se refere ao perigo, ou seja, do uso abusivo do poder causando destruição, quanto a esta podemos nos referir a própria ausência dos indígenas no espaço museológico. O segundo faz referência à presença maciça da memória polonesa que acaba sufocando o próprio sentido do acervo exposto, e por que não dizer restringindo a releitura de sua própria identidade. Esta reinterpretação, porém, deve ocorrer em consonância com o reconhecimento do outro enquanto sujeito histórico,

⁵⁰ Livro “Áurea Primórdios”.

estabelecendo uma relação de igualdade entre o indígena e as demais etnias presentes em Áurea e os imigrantes poloneses.

Esta breve passagem nos ofereceu elementos importantes para pensar as relações que se estabelecem nos espaços museológicos, porém podemos dissecar a mesma um pouco mais, especialmente se fizermos uma análise das entrevistas. Quando perguntamos a Antônio Jorge sobre a função do Museu em uma cidade, o mesmo responde que “[...] é contar a história da cidade desde a sua colonização [...] então o museu conta um pouquinho dessa história, conta um pouquinho dessa trajetória que o povo faz em um local, em uma cidade e a sua formação⁵¹.” No contar a história verificamos implicações dessa narrativa, pois marginaliza as demais memórias, entre elas a indígena, também formadoras deste pequeno mosaico que é o município de Áurea.

Ainda nos amparando em Chagas (2002) e analisando a mesma entrevista fica mais evidente o caráter seletivo do Museu, que continua saturando a memória tida como oficial. Conforme o mesmo entrevistado “[...] no nosso museu no município de Áurea a gente trabalha muito com a questão polonesa que é uma cultura muito forte no município, é a mais forte, então ele está um pouquinho mais focado na questão cultural dos poloneses⁵²”. Continuamos a evidenciar a afirmação de uma identidade tida como majoritária, pois “provém de uma cultura muito forte”, através do estranhamento de outra, no caso específico do indígena, reputada pelo entrevistado como não existente, uma vez que o mesmo afirma que os artefatos nem mesmo foram encontrados em Áurea.

Buscar um espaço museológico que seja plural e democrático, a exemplo do proposto por Funari (2013), no Museu de Áurea, pode conduzir a um diálogo de surdos, onde a cultura dominante entende a realidade somente a partir de seus próprios objetivos, fechando-se para qualquer outra possibilidade de interpretação do que aconteceu ou acontece ao seu redor. Pois como vimos com Kokuszka (2006) os achados indígenas são relevantes no município de Áurea, mas constantemente sofrem o autoritarismo e a destruição promovida por uma cultura que se diz a “mais forte”, tendo na cultura indígena a figura do outro que é posto a margem.

Ao ampliarmos nossa lente, verificamos que o processo de exclusão e marginalização não é especificidade de Áurea. Evidenciamos o fenômeno da invisibilidade de homens e mulheres indígenas constituintes da cultura brasileira. Conforme Gerson Wasen Fraga “[...] preconceito porcosamente disfarçado que prega a existência de uma identidade indígena

⁵¹ SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”. p. 05.

⁵² Ibid., p. 05.

unicamente àqueles que sobrevivem na mata, como se pudéssemos congelar culturalmente nossos nativos ao tempo da chegada dos primeiros portugueses⁵³”. Não conseguimos ver o indígena enquanto cidadão brasileiro, mas somente atribuir-lhes categorias negativas e pejorativas, tais como ignorância, atraso, vagabundagem, entre outros. Atributos que se fazem presentes em textos de jornais, revistas e portais de internet, construindo um discurso que acaba por não soar estranho, demonstrando a força com que tais preconceitos estão arraigados no cotidiano não só da sociedade aureense, mas também brasileira.

Também não podemos esquecer de chamar a atenção para a constituição das colônias. As Colônias Velhas⁵⁴ eram formadas por imigrantes de uma mesma nacionalidade, vindos diretamente da Europa. Para as Colônias Novas⁵⁵ emigraram descendentes das mais diversas nacionalidades, oriundos das Colônias Velhas e muitas vezes expulsos em decorrência da superpopulação e escassez de terras. Assim, foram poucos os imigrantes vindos diretamente da Europa para as Colônias Novas. Desde logo os imigrantes eram levados a (re)imigrar para buscar a terra, um espaço em que pudessem trabalhar e viver. Com isso, conforme Gritti (2003) a Colônia Erechim abarca uma grande pluralidade étnica. Para cá acorreram alemães, italianos, poloneses, judeus, espanhóis, austríacos, suecos, portugueses, brasileiros e mestiços, estando presentes os índios uma vez que a região estava povoada por estes.

Entretanto, a ocupação não se deu sem conflitos e destruição. De acordo com Rückert citado por Gritti:

[...] o processo de destruição-construção do território, em sua dimensão agrária, é um processo contraditório que implica conflitos como aqueles que se dão pela posse da terra. O território capitalista [...] é construído com a destruição do território indígena e com a sujeição do trabalho familiar dos camponeses colonos pequenos proprietários. (RÜCKERT, 1997, Apud, GRITTI, 2003 p. 57).

Devemos ter em mente que o processo de exclusão e segregação indígena passou por diversos momentos, sendo a destruição de seu território um traço marcante, pois, rompe com os laços e vínculos com a terra elemento essencial ao indígena. O processo de colonização de

⁵³ FRAGA, Gerson, W. **O eterno outro: a construção da figura indígena ao longo da História do Brasil.** Palestra proferida na UFFS – Campus Erechim/RS, na II Semana Acadêmica de História, 27 ago. 2012.

⁵⁴ Em 1870 são criadas as colônias Dona Isabel e Conde D'Eu atuais municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi. Em 1875 é iniciado o povoamento da colônia Caxias e em 1879 novas colônias são fundadas apesar de o governo limitar suas despesas com a empresa colonizadora. GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.). **RS: imigração & colonização.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 47-66.

⁵⁵ As colônias novas fundadas posteriormente com imigrantes oriundos das antigas remontam ao início da República.

Áurea também passou pelo processo de destruição das terras indígenas e a reclusão dos mesmos em reservas, para que estas fossem colocadas a disposição dos imigrantes. Assim Carini (2005) descreve essa expropriação dos territórios indígenas:

Ademais preocupava ao governo do Rio Grande do Sul o fato de que a fronteira agrícola extrapolara os limites da Serra gaúcha, chegando aos matos do norte/noroeste gaúcho, onde os grupos tribais (guarani e principalmente caingangue) mantinham já escassas áreas territoriais sob seu domínio. O capitalismo, que empurrara o colono europeu da Europa para a América no século XIX, estava, naquele momento, acuando seus descendentes para os matos do Alto Uruguai, deixando intocado o latifúndio pastoril. Portanto, [...] um conjunto de fatores, estruturais e conjunturais, suscitou o desencadeamento de uma corrida rumo à região de matos do norte do estado na busca de terras e determinou, em 1911, a demarcação de várias reservas indígenas. (CARINI, 2005, p.134).

Este breve trecho de Carini, nos fornece alguns elementos que corroboram com o apresentado anteriormente, ou seja, o processo de colonização e de expansão da fronteira agrícola, associado à Lei de Terras sendo desencadeado sobre terras tradicionalmente ocupadas pelas populações indígenas. Tal fato levou os grupos indígenas a serem empurrados cada vez mais para os sertões, agrupados em reservas demarcadas, ou “simplesmente exterminados [...] por grupos armados que percorriam as matas caçando os nativos como se fossem verdadeiros animais, tal como ocorreu com os “bugreiros” no Rio Grande do Sul⁵⁶”.

As reservas eram destinadas a manter os indígenas, como se fossem “verdadeiros guetos contemporâneos por vezes exprimidos entre a ganância e a cobiça⁵⁷”. Espera-se que em tais lugares o índio fique congelado no tempo, vivendo da caça e da pesca, em meio a agricultura mecanizada que o cerca, como se este fosse uma “estátua viva” do passado de nosso país.

Também é importante salientar que, com a exaustão do regime escravocrata, a justificativa dada pelo Estado para incentivar a vinda de imigrantes das mais variadas nacionalidades, residia na ideia de que o “caminho à modernidade não poderia ser trilhado tendo as “raças inferiores” como protagonistas⁵⁸”, leia-se entre estas a indígena. Além desse dado, podemos acrescentar o processo de “branqueamento do país” que também estimulou a vinda de imigrantes.

Percebemos que, para além de Áurea, a história indígena, tanto no cenário estadual como nacional foi minimizada, dando espaço a outros atores tidos como artífices da expansão

⁵⁶ FRAGA, Gerson, W. **O eterno outro: a construção da figura indígena ao longo da História do Brasil**. Palestra proferida na UFFS – Campus Erechim/RS, na II Semana Acadêmica de História, 27 ago. 2012.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Ibid.

nacional, sendo a estes concedido direito à memória em locais privilegiados, sob forma de monumentos e outras homenagens. Em contrapartida existe a construção de uma imagem de estranhamento do indígena, com a qual nos identificamos ou somos ensinados a nos identificar. Nesse sentido o Museu João Modtkowski contribui para a cristalização desse estranhamento, pois não oferece subsídios de problematização.

Aprofundando mais nossa discussão sobre o estranhamento ou a “criação do outro”, podemos tecer algumas considerações e reflexões passíveis de serem feitas por analogia. Para tanto nos apoiaremos no livro “Orientalismo”, de Edward Said, o qual tem como ideia central que o Oriente, tal qual o Ocidente o concebe, nada mais é do que uma criação produzida pelo Ocidente. Segundo o autor a perspectiva que temos do homem Oriental, bem como, sua inteligibilidade reside no trabalho de manipulação exercido pelo Ocidente, através da relação de dominação colonial, desencadeada pela expansão mercantilista. Segundo Said:

O oriental é irracional, depravado, infantil, “diferente”; o europeu é racional, virtuoso, maduro, “normal”. Mas o modo de estimular a relação em toda parte era enfatizar o fato de que o oriental vivia num mundo próprio totalmente organizado, mas diferente, um mundo com suas próprias fronteiras nacionais, culturais e epistemológicas e seus princípios de coerência interna. Mas o que dava ao mundo dos orientais a sua inteligibilidade e identidade não era o resultado de seus próprios esforços, mas antes toda a complexa série de manipulações sagazes pelas quais o Oriente era identificado pelo Ocidente. (SAID, 2007. p.73).

Guardadas as devidas proporções, podemos aplicar as reflexões de Said, à questão indígena no território brasileiro, pois existem desconhecimentos e preconceitos arraigados em nossa sociedade que atribui valores pejorativos aos indígenas, suas crenças, seus costumes e tradições. Por outro lado, temos o branco, proveniente de uma cultura europeia “civilizada” que tem como objetivo legitimar a dominação, a exploração e a aculturação indígena. Neste processo ficam evidentes as várias faces que adquire o modo de subjugação de uma cultura à outra. No centro dessa construção temos um intenso processo de desumanização pela qual passa a cultura indígena, através da desterritorialização, das doenças, da escravidão, da “desmemória” e por que não dizer do não reconhecimento de sua identidade.

O indígena possui voz que emana de sua própria cultura, buscando espaços para que seu discurso possa ser ouvido, porém este não compartilha da cultura do branco europeu, dita civilizada, a qual a partir dos viajantes ainda no período colonial construiu um discurso onde “a desqualificação dos índios ficava evidenciada no emprego de adjetivação negativa expressa

nos termos *rudez, insensibilidade, infantilidade e incapacidade de afeição*⁵⁹ (FLECK, 2006, p. 304). Dessa forma, como afirma Said, lhe atribuímos falas, características e até mesmo um lugar a ser ocupado dentro da sociedade que idealizamos e projetamos, criando com isso, relações desiguais entre sujeitos, povos e culturas. Diante disso Áurea é mais um município que se insere neste processo excludente fazendo seleções e silenciamentos quanto aos indígenas. O município e conseqüentemente o Museu reproduzem algo que ocorre em uma esfera mais ampla, ao minimizar a história, a memória e a identidade indígenas.

Constatamos, instigados pela analogia com a obra de Said, que houve uma intensa imposição cultural do europeu para com o ameríndio, fato que até nos dias atuais é perceptível. O Museu João Modtkowski pode ser um exemplo, pois apresenta todo um arsenal de objetos que glorificam o imigrante europeu polonês, em detrimento dos povos nativos do lugar, ou seja, a identidade dos nativos é manipulada ou impedida, pelas sutilezas do poder e da memória, mostrando somente o que se quer ver.

Sem perder de vista que a memória é lugar e objeto de disputa nas relações em confronto na realidade social, Le Goff é esclarecedor quando afirma que:

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p.422).

Conforme vimos ao longo da história brasileira ao índio foi reservado o papel marginal nas relações sociais, cabendo aos grupos ou indivíduos tidos como “superiores” controlar a memória e o esquecimento. Mas como a breve passagem sugere, os silêncios são evidências da manipulação da memória. Quando aplicamos este posicionamento ao Museu de Áurea, torna-se explícita a seleção e a manipulação que ocorre neste espaço de memória, diante de todas as etnias sufocadas, mas especialmente a indígena.

Ao longo deste capítulo procuramos discutir por um lado o que está representado no Museu, através do acervo exposto, e por outro, identificar as ausências, os ocultamentos promovidos pelo espaço museológico. Tais considerações nos fizeram refletir sobre as várias maneiras de exclusão a que um determinado grupo, no caso específico os índios, é submetido e de como sua história se processa ou é subtraída de diferentes formas e em diversos espaços, como o do Museu. Precisamos romper com a invisibilidade com que as populações nativas, e sua memória são tratadas ao longo da história brasileira. Devemos propiciar através dos

⁵⁹ Grifo da autora.

espaços de memória a problematização e a reflexão da identidade indígena, estes não mais vistos como coparticipantes da sociedade brasileira, mas reconhecidos a partir do mesmo patamar de igualdade das demais culturas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o processo de criação do Museu Municipal João Modtkowski, em Áurea-RS. O cenário começou a delinear-se no primeiro capítulo a partir da realização de eventos que contribuíram no processo de formação de uma identidade municipal cimentada na cultura polonesa.

Esse processo de fortalecimento da cultura polonesa presente no município, por meio do Museu, corroborou para a construção e manutenção de uma memória coletiva calcada basicamente nos ideais do grupo Braspol. Dessa forma, o grupo ditou e produziu significações e construções de uma memória que se quer única. Se olharmos somente o que nos é transmitido de maneira oficial, constatamos que em Áurea está presente apenas a cultura polonesa destacada a partir da representação de alguns de seus elementos.

Quando direcionamos nosso olhar para o Museu, consagrado como “lugar de memória”, identificamos que essa perspectiva não é alterada. O que este espaço de memória nos oferece é o congelamento da maneira de se ver e se mostrar a sociedade e o município de Áurea, tolhendo toda e qualquer possibilidade de diálogo, reflexão ou problematização mais profícuo, no que se refere à constituição do espaço de memória.

Conforme discutimos ao longo do presente trabalho, existe uma relação intrínseca entre a memória e o poder, este último interferindo de maneira decisiva no que é exposto e o que é esquecido. Mas também evidenciamos que a nova museologia propõe uma nova concepção de museu, não mais pautado na contemplação, mas na discussão e problematização, possibilitando novas maneiras de compreender e interpretar o mundo. Em outras palavras, que o espaço museológico ouse causar estranhamentos e provocações.

O que encontramos em Áurea é um Museu que oferece somente a contemplação, carecendo de ferramentas para tecer novas interpretações acerca da história do município. Dessa forma, contribuindo na construção de uma memória hegemônica, vários sujeitos históricos acabaram sendo sufocados e marginalizados, entre estes, o indígena que tem sua história e memória escamoteada, reforçando o processo de exclusão do índio do cenário tanto municipal como nacional.

No Museu, objeto da presente pesquisa, constatamos um processo de exclusão da memória indígena muito explícito, pois existem elementos materiais que comprovam sua presença neste município, mas também é perceptível um desejo de sufocar a memória e a identidade indígena, este visto muitas vezes como uma ameaça ao mito fundacional do município.

Ao longo da pesquisa, analisando as fontes encontramos a palavra “índio”, uma única vez, no texto de justificativa do projeto de lei enviado a Câmara de Vereadores, para a municipalização do Museu. Nos demais documentos e discussões esta palavra está ausente, o que parece evidenciar sua menção como mero uso retórico, como uma forma de legitimar a criação do próprio espaço museológico, dando a este um caráter mais plural e com isso atendendo aos critérios estabelecidos pelo Sistema de Museus.

Constatamos no Museu e conseqüentemente no município de Áurea uma correlação de forças entre a cultura polonesa e o catolicismo, reforçando essa identidade constituindo-se com uma espécie de monumento dissociada das demais memórias constituintes da história e colonização do município. Em outras palavras, o esquecimento por vezes promovido por políticas públicas através da criação de espaços que deveriam ser destinados a valorização da pluralidade existente acaba por não levar em consideração a diversidade de elementos constituintes de um determinado lugar.

O trabalho que nos propomos a fazer consistiu em compreender como ocorreu o processo de instituição do espaço de memória João Modtkowski. Porém, a pesquisa nos possibilitou a formulação de novas temáticas que podem ser analisadas, entre estas podemos destacar a relação do Museu com as atividades escolares que ocorrem a partir das visitas e a percepção dos moradores da cidade acerca do que é exposto no Museu, dentre outras questões.

A cultura polonesa representada, conforme analisamos, a partir de dois eixos – trabalho e religiosidade -, também suscita outras análises como a de gênero, por exemplo, afim de investigar como ocorre a construção dos papéis masculino e feminino, este último que ocupa espaço marginal em trabalhos científicos que tratam acerca do imigrante polonês.

Procuramos olhar o município, principalmente o referido espaço de memória, rompendo a visão apresentada pela história oficial, propondo analisar esta instituição municipal em sua diversidade, e com isso sugerindo outro olhar sobre a sua própria identidade. Diante disso, podemos sugerir também como tema de pesquisa, o estudo das demais etnias que compõe Áurea, procurando apresentar similitudes e diferenças no processo de construção da história deste município. Dentre os trabalhos que podem ser realizados referentes às culturas locais destacamos a italiana, alemã e africana. Por sinal esta última traz vários elementos que podem ser discutidos, dos quais a presença negra no processo de colonização de Treze de Maio, hoje município de Áurea.

A questão indígena pode ser aprofundada, pois no presente trabalho buscamos fazer uma breve discussão sobre as ausências no Museu Municipal, mas podemos fazer outras

reflexões, especialmente as que dizem respeito a sua presença quando da chegada dos primeiros imigrantes. Reconhecer a presença indígena, atrelada às demais etnias no âmbito regional, vem ao encontro da emancipação das identidades e dos sujeitos, para tanto “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. (LE GOFF, 2003, p. 471).

Trabalhar sob a perspectiva da diversidade e pluralidade, requer uma mudança de olhar e postura, especialmente dos gestores de instituições públicas, como é o caso dos lugares de memória. Proporcionar releituras de seu passado com vistas à emancipação dos sujeitos é o que propomos ao longo deste trabalho, criando espaços menos desiguais e mais reflexivos. Incluir o indígena como parte da memória, história e identidade aureense, atrelado às demais etnias, vem justamente reinterpretar e reconstruir sua memória e sua história.

Dessa forma, buscamos que o presente trabalho possibilite outras maneiras de pensar a história não só do município de Áurea, mas da região do Alto Uruguai como um todo, levando em consideração que novas constituições sociais são possíveis, e que não podemos transformar municípios em redutos de determinadas culturas. Sendo assim, há a aposta no poder do Museu enquanto transformador da sociedade, provocador de novos olhares e percepções, capaz de emancipar o indivíduo e auxiliar no processo de crítica à sociedade e a sua própria história.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.155-202.
- AMADO, Janaína. **A Revolta dos Mucker: Rio Grande do Sul, 1868-1898**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Unisinos, 2002.
- BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Museu, Imagem e temporalidade. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. V. 15. nº 2. P. 31-36. Jul. – dez. 2007.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAREZIA, Roberto Marcelo. Os discursos comemorativos, as representações do turismo e os contrastes socioculturais em Blumenau (1990-2000). In: MACHADO, Ricardo; VOIGT, André (Orgs.). **Desterritorializações do vale**. Blumenau: liquidificador produtos Culturais, 2012. p.109-152.
- CARINI, Joel João. **Estado, índios e colonos: conflito na reserva indígena de Serrinha-norte do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2005.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.
- CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Campo Grande**: Ed. RM, 2002. v. 19, nº19, p. 43-81. Disponível em <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367/276>>. Acesso em: 01/05/2014.
- _____. Cultura, Patrimônio e Memória. **Revista Museu**. São Paulo: Ed. RM, 2005. p. 01-11. Disponível em <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>>. Acesso em: 28/04/2014.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**; tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De Terra de Ninguém à Terra de Muitos: Olhares Viajantes e Imagens Fundadoras (Do Século XVII ao XIX). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Orgs.). **Colônia**. Passo Fundo: Méritos, 2006. - v. 1. p. 273-307. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

FRAGA, Gerson, W. **O eterno outro: a construção da figura indígena ao longo da História do Brasil**. Palestra proferida na UFFS – Campus Erechim/RS, na II Semana Acadêmica de História, 27 ago. 2012.

FUNARI, Pedro Paulo A. Museus, memória, criatividade e mudança social. **Revista Museu**. São Paulo: Editoria RM, 2013. Disponível em <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=36521>. Acesso em: 22/04/2014.

GARCEZ, Neusa Cidade. **Colonização e Imigração em Erechim: A Saga das Famílias Polonesas (1900-1950)**. Erechim: Ed. Edelbra, 1997.

GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.). **RS: imigração & colonização**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 47-66.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

GRITTI, Silvana Maria. **Educação Rural e Capitalismo**. Passo Fundo: UPF, 2003.

JUNIOR, José do Nascimento; CHAGAS, Mário. Museus e Política: Apontamentos de uma Cartografia. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas**. Brasília: Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2ª ed. 2006. Disponível em http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf. Acesso em 01/05/2014.

KERN, Arno A. Pré-História e ocupação humana. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson (Orgs.). **Povos indígenas**. Passo Fundo: Méritos, 2009, - v.5. p. 15-61. Coleção História Geral do rio Grande do Sul.

KOKUSZKA, Pedro Martim. **Nos Rastros dos Imigrantes Poloneses**. Curitiba: Arins, 2000.

_____. **Áurea Primórdios**. Erechim/RS: Graffoluz, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Ricardo. Memória e Arquivo no caso dos ossos de Blumenau. In: MACHADO, Ricardo; VOIGT, André (Orgs.). **Desterritorializações do vale**. Blumenau: liquidificador produtos Culturais, 2012. p.77-107.

MIRABILE, Antonio. A Reserva Técnica Também é Museu. **Boletim Eletrônico da ABRACOR**. nº 01. Jun.2010. Disponível em <http://www.abracor.com.br/boletim/062010/ArtigoAntonio.pdf> . Acesso 20/09/2014. Acesso em 05/08/2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos Lugares. In: **Projeto de história: Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP – Brasil, 1993. p. 07-28.

ONETTA, Adriana Salete; VIEIRA Lidiane Maria Onetta. **A Importância da Comunicação no Contexto Histórico da Imigração Polonesa em Áurea-RS no Período da Segunda Guerra Mundial**. 2006, 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) – Universidade do Contestado, Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Concórdia/SC, 2006.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e Museu: História e memória da cidade. In: **Anos 90. Revista do programa de pós-graduação em História – PPG em História da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)**. Porto Alegre – nº.14, dez. 2000.

POGORZELSKI, Neusa Maria Teribele. **Mudanças Ocorridas na Religiosidade dos Descendentes de Imigrantes Poloneses**. 1994, 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Leitura, Análise e Produção Textual) – Universidade regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim/RS, 1994.

ROMPATTO, Maurílio. A Oralidade como fonte de pesquisa em História Regional. In: **História Agora: A Revista da História do Tempo Presente**. Disponível em:

<http://www.historiagora.com/dmdocuments/revista9_DOSSIE_4.pdf> Acesso em: 10/05/2014.

RODRIGUES, Ana Ramos; SERRES, Juliane Primon. Museu: memória e esquecimento, do individual ao coletivo. In: **Mouseion – Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle**, n. 14, abr,2013, p.37-48. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/mouseion>>. Acesso em: 28/05/2014.

RICOEUR, Paul, **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWANZ, Jezuína Kohls. **A chácara da Baronesa e o imaginário pelotense**. 2011. 201 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Curso de pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, 2011.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Os descendentes dos poloneses no Rio Grande do Sul e a sua percepção de mudanças em tradições étnicas na vida religiosa da sua comunidade (o caso de Áurea). **Revista Projeções**, ano VII, nº 02. [S. I.: s.n.], 2005. p. 35-46.

_____. Mudanças na religiosidade e costumes religiosos dos descendentes dos poloneses em Áurea. In: **Polonicus: revista de reflexão Brasil-Polônia/ Missão católica Polonesa no Brasil**, ano 3, nº 6 (jul/dez.), Curitiba, 2012.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. **Montanhas que Furam as Nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)**. Passo Fundo/RS: Universitária, 2002.

_____. **Luto e Silêncio: Doença e Morte nas Áreas de Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul (1910-1945)**. Porto Alegre. 2007. 278 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em História, Porto Alegre, 2007.

_____. **Pequeninos Poloneses: Cotidiano das Crianças polonesas (1920-1960)**. News Print, 2010.

ARQUIVOS PESQUISADOS

Em Áurea:

- Arquivo da Prefeitura Municipal: documentação administrativa.
- Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores: Projetos, Justificativas e Atas.
- Arquivo do Grupo Braspol: documentos.
- Museu Municipal João Modtkowski: documentos e acervo.

Em Erechim:

- Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font: Jornal Diário da Manhã – reportagens acerca do município de Áurea (1990- 2005).

ENTREVISTAS

- MODTKOWSKI, Artêmio Adão. **Artêmio Adão Modtkowski**: depoimento [jun. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”.
- SLUSSAREK, Antonio Jorge. **Antonio Jorge Slussarek**: depoimento [jul. 2014]. Entrevistador: Altair Antonio Benka. Áurea/RS: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “A construção da memória no Museu Municipal João Modtkowski”.

ANEXO A – Fotos do acervo do Museu.



Serrote

Fonte: Produzido pelo autor, 2014.



Machadinho

Fonte: Produzido pelo autor, 2014.



Arado

Fonte: Produzido pelo autor, 2014.



Conjunto de enxadas e estribos.

Fonte: Produzido pelo autor, 2014.

ANEXO B – Fotos do acervo do Museu.



Altar da igreja católica com cibório, cálice, candelabro, crucifixo, entre outros objetos.

Fonte: Produzido pelo autor, 2014.



Capelinhas

Fonte: Produzido pelo autor, 2014.